

ANNA MARIA GOMES HAENSEL SCHMITT

O FETICHE DA FORMAÇÃO ESCOLAR E ACADEMICA

A coisificação das relações no âmbito escolar e acadêmico

FLORIANOPOLIS

1994

ANNA MARIA GOMES HAENSEL SCHMITT

O FETICHE DA FORMAÇÃO ESCOLAR E ACADEMICA

A coisificação das relações no âmbito escolar e acadêmico

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Professor Doutor Reinaldo Matias Fleuri.

FLORIANOPOLIS

1994

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

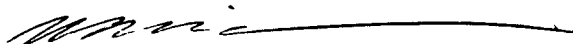
O FETICHE DA FORMAÇÃO ESCOLAR E
ACADÊMICA

Dissertação submetida ao Colegiado
do Curso de Mestrado em Educação do
Centro de Ciências da Educação em
cumprimento parcial para a obtenção
do título de Mestre em Educação.

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 31/08/94



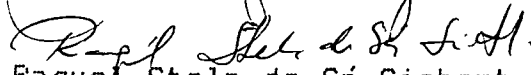
Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri (Orientador)



Prof. Dr. Ubiratan D'Ambrósio (Examinador)



Profª. Drª. Maria Oly Fey (Examinadora)



Profª. M.Sc. Raquel Stela de Sá Siebert (Suplente)



ANNA MARIA GOMES HAENSEL SCHMITT

Florianópolis, Santa Catarina
Agosto/1994

"ELES SAO MUITOS MAS NAO
PODEM VOAR" (Ednardo)

DEDICATORIA

Dedico o esforço e realização deste trabalho ao incomparável MARIO QUINTANA(*), "Poeta Maior" jamais reconhecido pela Academia Brasileira de Letras.

Não o faço por tê-lo concluído no ano do seu desaparecimento, mas porque, além de considerá-lo o mais querido e um dos poetas mais brilhantes, foi na sua pessoa que me espelhei e encontrei inspiração para renascer academicamente. Talvez no resto das coisas!

Quem seríamos?

Veio um instante , partiu de novo,
Leve, sem nome...
Para que nomes? Era azul e voava...
No véu das horas punha o seu motivo.
Partiu. E nem
Ficou sabendo
Como eu, acaso, me chamava...

(*)1906/1994 - Autodidata. Jornalista, escritor, tradutor e poeta. Destacou-se nas décadas de 40 e 50 como tradutor de inglês e francês de obras estrangeiras para a Editora Globo, RS.

AGRADECIMENTOS

A Doutora Ecilda Gomes Haensel, intelectual de renome e mãe de verdade pelo amor, gosto pelo "saber" e pelo colo no sentido lato, intelectual e existencial durante esta caminhada.

A Reinaldo Matias Fleuri, orientador e guia, por ter-me auxiliado paciente e incansavelmente "a manter a mente alerta, a espinha ereta e o coração tranquilo" .

A Professora Doutora Maria Oly Fey, pelo auxílio no resgate da identidade acadêmica perdida.

Aos Doutores Mariângela Darella, Maristela Chittó Sisson e Ricardo Feix e equipe, pela vida.

A meu irmão caçula Francisco Ignacio Gomes Mariano Haensel, auto-didata genial e a meus cães boxer, amigos inseparáveis, pelo auxílio financeiro.

Ao Dr. José Mariano Vieira Haensel, "in memoriam", pela curiosidade, irreverência e teimosia herdadas.

Aos meus filhos Valentina e Pedro pelo aprendizado, pela contradição, por terem me ensinado que em educação e na vida teoria é resultado de alguma prática mas não é tudo e porque agora posso ajudá-los, se for de sua vontade, a plantar uma árvore, escrever um livro e também ter filhos.

A Célio Pinho, colega e amigo, que faz da escola (da forma como é) um espaço do saber.

A Aurea Oliveira Silva, pela solidariedade.

RESUMO

O FETICHE DA FORMAÇÃO ESCOLAR E ACADEMICA, constitui-se aqui numa reflexão a partir de vivências e depoimentos de pessoas envolvidas com a escola e com a universidade, no decorrer do Curso de Mestrado em Educação do qual a autora participou. Demonstra que tal formação apresenta uma série de características inerentes aos fetiches (expectativas, rituais, adereços, fantasias, sanções), dando ênfase à coerção e à sua introjeção por parte dos seus seguidores.

ABSTRACT

THE FETISH OF SCHOOL AND ACADEMIC EDUCATION

This study is a reflection from living experiences and narratives of people involved with school and university during the Master Course in Education in which the author took part.

Its shown that such education presents several characteristics related with fetishes like expectations, rituals, fantasies, adornements and restraints. Emphasis is given to coercion and its acceptance by followers.

INDICE

INTRODUÇÃO	10
Por que escola? Por que mestrado?	16
Desencantamento e teimosia ou "cercando o objeto" II	23
ESCOLA, FORMAÇÃO E DEFORMAÇÃO ACADEMICA	30
EPISODIO 1 - O tempo e o ritual	30
Relato de transição ou entre parênteses	34
EPISODIO 2 - As coisas da escola e seus adereços(os dogmas) ..	35
EPISODIO 3 - A doutrina, controle de informações e idéias: quem determina o volume e o tipo de saber	45
EPISODIO 4 - Culpa e sacrificio, "Cola", nota, recompensa, sanção, etcétera e tal	53
EPISODIO 5 - Distanciamento de iguais e "co-operação"	60
EPISODIO 6 - Resistência, exclusão, autoria	65
EPISODIO 7 - Morte do texto, linguagem oral e criatividade ...	79
EPISODIO 8 - Expectativa gerada, sonho, família, futuro	87
EPISODIO 9 - Escola vale a pena? Versão e sub-versão	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	105
ANEXO 1	108
ANEXO 2	109

INTRODUÇÃO

O estudo aqui apresentado, em torno do caráter fetichista da educação formal, é fruto do exercício reflexivo sobre a experiência acadêmica por mim vivenciada, particularmente aos estudos que realizei com vistas à elaborar o trabalho final de dissertação no Mestrado em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina.

Reconheço, de antemão, as limitações deste estudo, que requer um aprofundamento maior. Todavia, por motivos de ordem pessoal, não me foi possível até este momento avançar além do aqui apresentado. Mesmo assim, estou certa da validade da iniciativa, pois acredito que a sementeira foi feita. Caso eu mesma não venha mostrar novas possibilidades neste sentido, certamente outros o farão com mestria.

Tais limitações encerram o próprio motivo do questionamento e da reflexão aqui expressos.

O texto é trabalhado na primeira pessoa, pois coloco-me como o próprio "objeto de estudo". Ou melhor, como "sujeito", nos dois sentidos; seja como sujeito, autor do estudo, seja como sujeito à objeto de minha própria reflexão.

E o tema: "O Fetiche da Formação Escolar e Acadêmica"?

De onde surgiu a idéia?

Por estar consciente de que sou o típico fruto da educação formal, já que passei a maior parte de minha vida envolvida com ela (enquanto aluna ou educadora), durante o mestrado iniciei um questionamento profundo em torno do assunto.

Porque estive sempre tão envolvida com a educação?

Estaria eu, agora num estágio acadêmico hierarquicamente mais avançado, realizando-me como pessoa?

Percebi que, pelo contrário, andava preocupada e insegura.

Como ocorre com a maioria das pessoas, sempre esperei maravilhas da educação, uma vida melhor. Gerei milhares de expectativas, fazendo dela um verdadeiro mito, uma tábua de salvação. Ora, isto é característico dos fetiches.

Observando mais detidamente, vim a perceber que a prática educacional preenche um número grande de aspectos inerentes aos fetiches.

O tempo, como num ritual, é distribuído em anos letivos, semestres e bimestres, períodos de aulas e de férias, as atividades disciplinares e de lazer iniciam e terminam com as campainhas ou sirenes.

A transmissão e controle de informações transmitidas pelo professor, mensagens de cunho moral e disciplinar que povoam aquele espaço, equivalem a uma espécie de doutrinação que rege as vidas de todos que ali se encontram ou estiveram.

As punições, sanções e a apologia ao sacrifício necessário à aquisição de conhecimento, que via de regra inspiram culpa aos que não cumprem com os deveres exigidos, equiparam-se aos utilizados nas mais diversas crenças e religiões.

O exercício incessante da coerção, introjetando uma auto-vigilância rigorosa faz dos indivíduos os seus próprios opressores, intimidando a si mesmos, tolhendo a iniciativa, a criatividade e a autoria.

Como todo o fetiche com ritual, doutrina, coerção, expiação e sacrifício, a prática escolar é acompanhada de adereços, dogmas inquestionáveis e normas a serem seguidas mesmo que não se conheça seu motivo, sua origem ou função. Ai se apresentam "as coisas da escola". A lista de chamada, a caderneta ou agenda escolar, o diário de classe, os murais, o enfileiramento, a seriação, a classificação, o uniforme, as notas e um sem fim de coisas que subjagam o homem outrora seu autor, fazem dele um objeto e transforma a instituição escolar, aos olhos das próprias pessoas, em sujeito, em controlador das suas vidas.

Expectativas, as mais variadas, são geradas partindo deste processo de "fetichização" .

O conflito entre realização ou frustração das mesmas despertou minha curiosidade e motivou-me a estudá-lo.

Para enriquecer o estudo, realizei entrevistas junto a ex-profissionais da educação e a pessoas que participam diretamente da escola. Fiz pesquisa bibliográfica

(bibliografia mencionada no final do trabalho), freqüentei disciplinas optativas do Mestrado em Educação na UFSC (em particular, as referentes a Linha de Investigação Educação e Trabalho e, antagonicamente, Educação Libertária e Relações de Poder e de Saber) e, estabelecendo paralelos com as relações no âmbito escolar, tentei alcançar um certo domínio (na medida do possível) do objeto de investigação. Formulei questionamentos e reflexões sobre a "produção do conhecimento". Compilei dados, criei, fiz correções e exposição do produto do conhecimento apreendido, realizando uma reflexão crítica e auto-crítica visando avaliar o processo vivido.

O exercício desta minha reflexão vem se dando de maneira dinâmica e diversificada através da "praxis", participação em seminários e debates sobre o assunto, conversações junto a pessoas com os mais variados tipos de formação cultural, intelectual e acadêmica (do analfabeto ao doutor ou possuidor do título de FHD, incluindo o auto-didata), de incansáveis trocas de idéias nos mais diversos locais, da família ao botequim, lojas, empresas, praia, terapias e hospital.

A partir de determinado momento, surgiu a necessidade de registrar opiniões pessoais dos que participam da vida escolar. Elaborei um questionário (ver anexo) e distribuí duzentas cópias para vários segmentos de uma escola, isto é, para funcionários da manutenção, orientação educacional, supervisão, direção, assim como para professores e alunos.

No decorrer deste processo, sem dúvida alguma, a consulta que explicitou melhor o caráter fetichista da escola, ou seja, um sonho que pode transformar a realidade, foi a que resultou do pessoal diretamente a ela envolvido. Por este motivo e por relatar episódios, depoimentos e vivências de outros grupos, limitar-me-ei a divulgar as respostas do questionário dadas pelo pessoal que nela se encontra (priorizando os estudantes do primeiro grau, do local onde trabalho, a quem dedico um carinho muito especial e àqueles da manutenção e coordenação que não relutaram em me auxiliar).

Os dados que ilustram esta exposição, foram coletados numa escola pública do município de Florianópolis onde colaboraram: supervisora, orientadora, um professor candidato ao cargo de direção, uma servente, uma cozinheira, auxiliar de ensino e alguns professores (pois os demais apresentaram certa resistência) e mais de cem alunos de quarta a oitava séries do primeiro grau, na faixa etária de 09 a 18 (nove a dezoito) anos. A diretora mostrou-se resistente, alegando falta de tempo sempre que solicitada.

Estou ciente de que apresento o resultado de uma consulta que expressa idéias sem dados estatísticos ou gráficos e dentro de moldes que há quem denomine de "sociologismo norte-americano". Porém, esta forma me é bastante simpática. Outrossim, não há como negar e estamos cientes - aqueles que conhecem pesquisa - que toda e qualquer investigação não é neutra, especialmente as que se utilizam de dados estatísticos, por utilizarem amostragem.

Optei por aproveitar, senão todas, a maioria das impressões, pois as considerá-las transparentes, despojadas e, principalmente, desprovidas de mecanismos de defesa. Decidi, manter a ortografia e linguagem utilizadas pelos entrevistados ao transcrever suas opiniões neste texto. Não citarei os nomes dos entrevistados ou indicarei apenas de forma genérica, para preservar sua privacidade.

Utilizarei linguagem simples e objetiva, para que todos (não somente os eruditos) possam ter acesso e compreender minha mensagem.

Esta dissertação visa auxiliar outros amantes do conhecimento construído por nós, humanos, a não cair na armadilha da arrogância pelo saber, ao que denomino "intelectualoidice", e da coerção que é usualmente exercida no meio escolar e acadêmico coagindo, burocratizando e afastando as pessoas daquilo que até então seria um referencial, até mesmo afetivo ou justificativa da própria existência do homem.

Por que escola? Por que mestrado?

Ao ingressar no curso de mestrado em educação, trazia comigo uma série de angústias, como educadora preocupada e comprometida com a transformação da sociedade, e um objeto de estudo definido: "A evasão a nível de docência (dos professores) da escola". Naquela ocasião, este era o tema que me alarmava e movia. Assim, desejava investigá-lo, estudá-lo e desenvolvê-lo.

A meu ver, todos os indivíduos deveriam não somente ter acesso à educação acadêmica formal em todos os níveis, mas frequentar, obrigatoriamente, a escola. Acreditava ser a escola a principal, a mais importante, completa e eficaz fonte de instrumentalização dos indivíduos.

Através da existência acadêmica, o homem far-se-ia cidadão, pleno e capaz de tomar as rédeas de sua existência em todo e qualquer nível.

Que ironia! Depois de cursar os créditos (disciplinas) do mestrado, passei a duvidar disso.

Das angústias que me afligiam, enquanto educadora, a que mais motivou a cursar o mestrado foi a necessidade de aperfeiçoamento e atualização. Sentia-me desestimulada e, como de costume, busquei uma solução acadêmica para remediar o meu descontentamento com a academia.

Na minha família, a orientação sempre foi estudar muito para evoluir econômica, social, pessoal, psicológica ou afetivamente. Frequento a escola desde os três

anos de idade. Na primeira infância, acompanhei várias vezes minha mãe, que dava aulas no jardim de infância. Algumas vezes, porque não havia com quem ficar e outras, penso que para aprender a tomar gosto pela coisa. Na segunda infância, ia com ela às aulas de pós-graduação em pedagogia, depois a outras graduações (direito e filosofia) e pós-graduações que frequentou .

Mais tarde passei a encontrá-la na universidade onde lecionou durante muitos anos.

Meus pais possuíam uma biblioteca imensa, tanto erudita quanto eclética. Frequentavam sempre os meios acadêmicos e, mesmo sendo médico, meu pai passou a vida toda atualizando-se em diversos assuntos e metido com os livros.

Quando veio a adolescência, numa atitude de rebeldia parei de estudar. Quatro anos passei afastada da escola e, quando decidi concorrer ao vestibular, não tentei me preparar. No dia do concurso, já sendo mãe, fui tranqüila realizar a prova, enquanto meu bebê esperava fora da sala. Passei na primeira opção.

Resolvi ser professora. Professora de Educação Física, para poder estar sempre na escola mas não confinada no espaço físico. Surgiu aí um primeiro questionamento: porque a escola haveria de rimar com confinamento?

Com esta interrogação surgiu uma primeira dúvida. Muitas vieram depois e não pararam mais de chegar.

Se a escola é o local onde são universalizadas as construções a nível de conhecimento e de saber humano e local

de troca de aprendizado, por que quase sempre os alunos a consideram uma coisa maçante, uma imposição chata? De onde vem esta imposição?

Concluído curso superior, ingressei em cursos de pós-graduação.

Cursei duas especializações em educação e muitos cursos de aperfeiçoamento. Reuni-me com outros pais de crianças na faixa etária de meus filhos; criamos e participamos ativamente em construir e manter a escola deles como funcionários, professores e aprendizes. Cheguei a lecionar em três locais distintos, sendo necessário que me deslocasse, aproximadamente, cento e vinte quilômetros por dia. Mais que um trabalho, era uma postura ideológica, uma espécie de militância ou "sacerdócio".

Exerci cargos de chefia a nível central na rede do município onde vivo. Aí comecei a perceber como era grande o contingente de professores que se evadiam da escola e o quão burocrática esta é. Mais tarde, percebi que os professores desistem não do estabelecimento ou da rede pública. **Desistem da profissão.** Uma profissão desqualificada pelos baixos salários, pelo peso da burocracia e da disciplina, que sufocam a tarefa pedagógica.

Observei este fato, sob outro ângulo, também no círculo mais próximo de meus familiares.

Dos meus irmãos, o mais bem sucedido econômica e culturalmente (o mais viajado) foi quem abandonou o ensino formal bem cedo e fez-se auto-didata. Conhece o mundo inteiro,

domina sete idiomas e estou certa que tenha, pela prática, mais cultura do que eu, que passei a maior parte da vida estudando teorias metodicamente. O segundo em realização profissional e pessoal estudou e vive no exterior. Tanto na graduação quanto no mestrado, lecionou em alguns "colleges", mas hoje em dia não ministra mais aulas. E pesquisador, seu escritório é a natureza e o governo dos EUA o remunera muito bem para que exerça sua atividade. Minha irmã é uma micro-empresária, faz um "dinheirinho extra" cantando "jazz" e bossa-nova e está economicamente mais estável do que a grande maioria dos professores no Brasil.

Enfim, aquela imagem romântica que se forjou em mim em torno da escola desde a primeira infância, sofre hoje em dia de uma crise profunda.

Busquei o mestrado para tentar compreender por que meus colegas vêm desanimando. Esperava encontrar estímulo e renovação. Porém, na medida em que aprofundei meus conhecimentos neste sentido, senti-me fazendo o caminho inverso. Passei a ver a escola como mais um fetiche, uma fantasia capaz de gerar expectativas, mais uma crença ou instituição não essencial que se acredita inerente à existência do homem. A escola aparece como sujeito e as pessoas como objetos (e mais, objetos desvalorizados).

Das leituras realizadas no decorrer do curso e trabalhos escritos, a que mais deteve minha atenção foi um texto de Thompson (1987, p.225-289), referente ao papel da religião na formação da classe operária inglesa. O texto é apaixonado e apaixonante, relatando o caráter coercitivo (que induz e

pressiona constantemente) exercido pela prática religiosa por ocasião do advento da sociedade industrial.

A religião leva os indivíduos ao sacrifício, às provações, à necessidade constante de expiação de pecados, à "beleza" da privação de todo e qualquer tipo de prazer comum e, sem se perceber, forjam-se simultaneamente em escravos e feitores de si próprios. Cheios de culpas para cobrar e pagar ao mesmo tempo.

Partindo desta reflexão, foi-me inevitável perceber uma semelhança significativa com a escola.

O estudo minucioso do assunto motivou-me a aprofundar uma investigação sobre o seu caráter coercitivo. Então, fui ostensivamente coagida, durante algumas atividades acadêmicas a não prosseguir nesse intento. Todavia, após algum tempo retomei a duras penas este mesmo objeto de estudo e o resultado (talvez sem a abrangência desejada) aqui está.

"Fetichismo, coerção e escola" - O objeto de estudo e investigação "cercado".

Fetichismo, o que entendo por fantasia, idolatria, feitiço, algo a ser cultuado e gerador de expectativas. Aquilo que independente das categorias de outros pensadores, pode levar as pessoas a subjugar-se a variadas formas de coerção (coação) e ritos.

Metafísico? Não, é fato concreto e digno de reflexão.

A escola não é essencial para todas as pessoas e, além de excluir e inibir muitos indivíduos, exerce o papel de verdadeiro fetiche (ídolo) sobre a maioria.

Há quem não tenha considerado importante nela permanecer, sequer concluí-la para realizar-se (conforme afirmações constantes de vários relatos que seguem).

Peço a compreensão do leitor se insisto em fazer referências às minhas relações pessoais imediatas. Recorro a elas porque ilustram com força o problema que desafia minha reflexão.

Tenho dois filhos, ambos na adolescência. Nenhum frequentou qualquer tipo de religião ou crença. Ambos receberam a mesma educação e estudaram nas mesmas escolas durante a primeira e segunda infância. No momento presente, enquanto um se prepara para o vestibular, outro cursa o supletivo.

A mais velha adora estudar, é espontânea no cumprimento de todas as obrigações acadêmicas. Jamais foi necessário dizer-lhe sequer que deveria fazer tarefas e sempre foi à escola com prazer. É politicamente comprometida com as lutas por uma sociedade melhor, participou do movimento dos "caras pintadas" (por estar certa da necessidade emergente daquela atuação) e acredita que a boa e dedicada prática escolar é essencial para sua evolução pessoal como um todo. Afora isto, trabalha e procura estar atualizada quanto a melhores formas de capitalizar seus ganhos.

O segundo filho tem o comportamento típico da "geração digital". Verbaliza pouco, "curte" os eletrônicos, é

academicamente displicente, perdulário, não se dedica e faz o que pode para fugir de tudo o que se relaciona com a educação formal. Está sempre atualizado com o que diz respeito à informática, propaganda e "marketing" - não há como negar que o domínio destes assuntos é fundamental nos dias de hoje.

Não tenho uma visão maniqueísta das coisas. Não tenho como garantir qual dos dois está certo ou errado. Sei, todavia, do descrédito que a escola vem sofrendo por parte de seus profissionais, de muitos cidadãos que por ela não passaram e são sujeitos de sua existência, dos que ali estão ou estiveram, das facilidades da eletrônica, informática e meios de comunicação que sugerem muitos questionamentos relativos à educação formal.

Minha convivência no meio acadêmico com a impessoalidade, a burocracia, a exclusão, a coerção questiona: Como viver sem ou com a escola? Sou produto legítimo da academia e a rejeito como é.

E certo que as pessoas esperam algo a partir da frequência do ensino básico, uma certa instrumentalização mínima, uma formação profissional. Alguns acreditam que podem tornar-se mais inteligentes ou deixar de ser "burros". Expectativas são geradas, mas nem sempre realizadas, de politização, de crescimento pessoal, de melhoria de poder aquisitivo, ou de desenvolver a criatividade, despertar o senso crítico, conquistar a libertação ... Todavia, fica a interrogação: sendo tão idolatrada, não terá a escola se tornado um fetiche?

DESENCANTAMENTO E TEIMOSIA ou "cercando o objeto" II

A experiência acadêmica vivida

"A afetividade é a mola do conhecimento".(Jean Piaget)

(Apenas
a
título
de
lembrança).

Retomando com mais firmeza e coragem a escrita do trabalho de dissertação, após dois longos anos de agonia existencial, fruto do desencantamento pela academia e sensação de "emburrecimento adquirido" durante o curso de mestrado, encontrei respaldo e estímulo para prosseguir, junto a docentes que me tiveram como aluna no início do curso.

Após discutir longamente sobre o que havia sido desenvolvido a partir do seminário de dissertação, foi-me perguntado como me sentia a respeito. Respondi que acreditava (piamente) nas teorias nas quais fundamentei o trabalho. Porém, não estava satisfeita pois, apesar de considerar o texto coerente, era como se não fosse meu, por tê-lo escrito para outrem e temendo que fosse rejeitado.

Neste caso, a teoria antecedia a prática (não apenas textualmente), como se a realidade ali estivesse como consequência dela e acontecesse meramente para confirmá-la.

Eu havia descartado o objeto de investigação inicial (A evasão escolar em nível de docência), no segundo semestre do curso - por ter-me convencido, após discussões, tratar-se de um tema "tolo" para uma dissertação de mestrado. Na segunda tentativa de direcionar meus esforços (após dois anos e meio de estudo), para tratar de um assunto pelo qual estava motivada e envolvida (A Coerção na Prática Acadêmica) fora mais uma vez levada a não fazê-lo. Fiquei sem chão, completamente no ar. A partir daí então, passei a escrever para outros o discurso que esperavam ler. Deixei de ser sujeito e me assumi como objeto. Queria falar sobre coerção e fiquei intimidada para fazê-lo. Enfim, eu me tornei o próprio objeto de coerção, isto é, o resultado vivo de pressão externa exercida incessantemente (assunto que será objeto de reflexão no decorrer deste trabalho). Introjetei-a e tornei-me meu próprio opressor.

Na tentativa de "cercar um objeto de estudo", seguindo a intenção alheia, o pesquisador acaba sendo cercado, sufocado, tornando-se objeto de controle alheio.

Fassei por momentos delicados até decidir trabalhar este assunto, resgatando a experiência vivida, como tema de dissertação. Sabiamente, fui lembrada de que eu já havia vivido e superado grandes desafios.

A teoria alheia à minha pessoa havia sido colocada no papel. O texto redigido de forma impessoal, repleto de categorias de outrem, dissimulava a experiência vivenciada na academia e pela qual tantos passam traumáticamente.

Ser autor, quando se está encharcado de categorias que já se tornaram "propriedades privadas", não é fácil! Pelo contrário, é um desafio, pois passa-se por um aprendizado doutrinador, anti-pedagógico, anti-didático e contra-producente.

A busca do saber se torna, muitas vezes, verdadeiro massacre existencial e intelectual ao qual são submetidos alunos desde a escola elementar até à pós-graduação.

Antes de ingressar no mestrado, eu não tinha nenhuma insegurança com relação aquilo que escrevia. Pelo contrário, no decorrer da escolarização e da vida profissional fui constantemente solicitada e elogiada por fazê-lo muito bem.

Freqüentemente, pessoas recorriam a mim, tanto a nível profissional quanto pessoal, para que auxiliasse, redigisse, fizesse correções, elaborasse manifestos, redações, projetos, circulares, enfim, textos em torno dos mais diversos assuntos, por me considerarem competente para tanto. Atualmente, travo uma luta desenfreada para resgatar alguma segurança neste sentido.

Escrever era para mim como jogar é para o jogador, cantar para o cantor, isto é, uma característica inerente e marcante da personalidade, do meu ser.

O memorial exigido para ingresso no curso, foi por mim mentalizado e colocado no papel na sua versão primeira e definitiva, em menos de doze horas.

Naquela manhã de domingo, conversando com uma amiga que se preparava para a seleção do curso "in foco", senti-me mobilizada a fazer o mesmo. O prazo final estava marcado para o dia seguinte e eu consciente de que minhas chances (devido ao imprevisto) eram mínimas.

Como já tivera concluído outras duas pós-graduações a nível de especialização, acreditava que seria enriquecedor, até mesmo prazeroso frequentar e concluir o mestrado. Jamais um processo de perda.

Sentei, então frente à máquina de escrever e saí dedilhando, "catando milho". Naturalmente, respeitando as normas, usei a terceira pessoa do singular - poderia ter sido a terceira do plural, pois a impessoalidade nestes casos é considerada tecnicamente mais correta. Não farei o mesmo desta vez. Afinal, estou falando de e por mim.

Todavia, mesmo falando em primeira pessoa, pretendo buscar as estruturas de relações que se estabelecem na escola, para além das características das minhas ações e opções individuais.

Considero o que apresentei na época (assim ocorre algum tempo depois com quase tudo que fazemos) bastante primário. Mesmo assim, fui aceita na primeira tentativa.

Optei por frequentar o curso pelos motivos anteriormente expostos e porque sempre tive verdadeira paixão por estudar.

A expectativa era de que a partir da seleção,

caso fosse aprovada, eu viveria uma das melhores épocas da minha vida.

Estudar, ler, escrever, tentar desenvolver algo produtivo para mim e outras pessoas, dedicar algum tempo ao exercício físico, cursar o mestrado não apenas para conseguir uma melhor colocação a nível profissional mas, com uma certa dose de altruísmo, contribuir na prática e melhoria da política educacional. Que maravilha!

As contradições, porém, começaram a surgir por ocasião da entrevista de seleção.

Sou graduada em Educação Física e na época lecionava em três locais distintos. No período matutino, numa escola localizada praticamente à beira da praia. Como ali não houvesse espaço físico adequado para realização das aulas práticas, eu e os alunos executávamos este tipo de atividades na praia. A tarde me deslocava para outro estabelecimento, também carente neste aspecto, entre outros (quadro típico do sistema escolar público no Brasil) e permanecíamos a maior parte do tempo ao ar livre. Do final do dia até dez horas da noite, ministrava natação numa academia. Portanto, nada mais natural do que vestir um maiô de natação por baixo da calça do agasalho de Educação Física.

Candidatei-me à Linha de Investigação Educação e Trabalho pois, conforme demonstrei no relato do meu cotidiano, sou trabalhadora da educação.

Entretanto, o questionamento a que fui submetida quando da entrevista seletiva, foi:

- Tu achas que, durante o mestrado, vais continuar assim e manter este bronzado?

Atualmente, pálida e fora de forma, percebo que o entrevistador sabia o que estava afirmando. Não se tratava de uma pergunta. Não recordei minha resposta, mas afirmo que esperava estar ali para um questionamento mais sério. Estava consciente do preconceito que a grande maioria dos intelectuais nutre pelos profissionais da minha área. De uma forma geral, comentam: ... "eles não raciocinam, só tem músculos!"

Ninguém quer saber porque os médicos, também profissionais do corpo, usam jaleco!

No que foi confirmada minha aprovação, fiquei feliz demais, até emocionada. Afinal, um pessoal tão graduado havia me aceito em seu meio! Agora sei que, via de regra, não se aceitam sequer entre si próprios -tamanho é a disputa interna- e tanto menos a colegas hierarquicamente inferiores que, ao ali adentrarem, passam a ocupar o espaço de alunos regidos de acordo com os moldes mais convencionais da escola.

Tomei conhecimento de que alguns professores chegam a recomendar, por ocasião da matrícula, que os discentes não frequentem disciplinas ministradas por certos colegas. Certamente, o aspecto ético deixa a desejar. Como fica, então, o pedagógico?... Não é a escola, a academia, o espaço por excelência de construção, exposição e socialização do saber, portanto, pluralista e, por este motivo, mais rico em idéias, informações e posicionamentos?

Partindo deste episódio, apresentarei o "objeto cercado" e desenvolvido o relato (dissertação) recheado de outras situações, às quais denominarei episódios, depoimentos, análises, reflexões, muitos questionamentos e posturas teóricas por mim elaboradas resultantes da caminhada que trilhei dentre as batalhas travadas durante o MESTRADO EM EDUCAÇÃO.

ESCOLA, FORMAÇÃO E DEFORMAÇÃO ACADEMICA

Episódio 1 - O tempo e o ritual

Nos primeiros dias de aula, fomos comunicados por mais de um professor que atrasos e saídas antecipadas não seriam tolerados e que as atividades somente seriam dadas por concluídas após sua saída.

As pessoas que ali se encontravam recebendo tais comunicados deixavam de ser consideradas como adultos com um compromisso do seu interesse pessoal ou até companheiros de profissão, passando a ocupar o lugar de alunos que **devem obedecer** a seus mestres. Por conseguinte, as punições também foram comunicadas. Em seguida, iniciou-se a divulgação do material bibliográfico a ser adquirido e o repasse de uma enxurrada de conteúdos a serem, "por assim dizer", assimilados num verdadeiro ritual. O cumprimento deste se realiza em número pré-fixado de encontros com duração também pré-determinada, que constituindo os créditos a serem cumpridos em semanas ou bimestres. **Todos devem estar atentos aos prazos.**

Reflexão

Diariamente, milhares de crianças e indivíduos de todas as idades dormem num determinado horário, pois no dia seguinte devem acordar para ir à escola nos diversos níveis

cumprir com deveres acadêmicos. Estes deveres antecedem sua existência, seus horários e desejos individuais. O cumprimento deste ritual de massa é institucionalizado de modo que aqueles que, no cotidiano, praticam "seu tempo" de maneira diversa, são considerados pela sociedade em geral, como pessoas questionáveis, de costumes irregulares, com horários não considerados bons ou apropriados.

Esta normatização do tempo de comer, dormir, acordar, divertir-se, trabalhar, estudar e até pensar, inicia na pré-escola e os acompanha pelo resto de suas vidas tal qual um feitor que está presente em todos os momentos, punindo algumas vezes e lembrando sem cessar que está na hora de fazer isto ou aquilo.

Não é considerado digno acordar "tarde".

O conceito de cedo e tarde está, por sua vez, diretamente regulado com o do mundo do trabalho (na realidade do Capital) e é incutido desde o momento em que a criança se prepara para o primeiro dia de aula.

Nas escolas e nas universidades, a campanha determina o início da aula, a mudança de matérias, o início e o fim do recreio, os intervalos e o final das aulas. Esta "rotinização" e escandimento das atividades dos indivíduos estabelece ciclos de repetição a que todos são submetidos dentro do espaço escolar, impondo a cada um (mesmo que de forma subliminar), o que e quando é proibido ou permitido fazer.

Assim, já no primeiro momento na escola, algo é "ensinado": o tempo deve ser respeitado e cumprido. As coisas que não se realizam dentro do convencionalizado não estão certas.

Isto fica tão arraigado a ponto de ser moralmente questionável e motivo para sentimento de culpa o não acordar cedo ou o cumprimento informal de horário quando das atividades laborais. O tempo não pertence ao aluno ou a qualquer trabalhador da educação formal, pois está distribuído previamente por outrem, conforme as demais atividades (todas elas, por sua vez, pré-determinadas). O lazer, como as entradas e saídas, tem seu tempo programado e o próprio prazer (como recreação, esportes e atividades corporais) são obrigações impostas, disciplinares.

O estudante dorme, acorda e se "diverte" sempre em função de uma jornada pré-determinada. As refeições não obedecem aos seus desejos ou necessidades do organismo, pois também têm hora marcada. O lazer e o prazer já não são espontâneos, devem adaptar-se à jornada de atividade laboral.

Tudo é realizado visando à produtividade de um sistema que aprisiona, quando, na realidade, esta produção (manual ou intelectual) existe a nível individual como algo que tem por função regular o tempo, o sono e a tranquilidade, a alimentação, o lazer e o prazer, de vez o trabalho para o homem é, essencialmente, transcendência, realização.

A produção escolar do aluno é quantificada e os objetivos pedagógicos vislumbram sempre a quantidade de metas

a serem alcançadas em determinado período, não necessariamente a
qualidade do produzido.

Os estudantes aprendem que não são donos do
seu tempo e não trabalham ou estudam para viver. Existem, sim,
para trabalhar e vivem apenas para fazê-lo. Do contrário são
marginalizados.

Relato de transição ou entre parênteses

Sucedendo o primeiro episódio, fatos bastante curiosos continuaram a acontecer.

Eu não queria acreditar que a prática disciplinar, característica da escola de primeiro e segundo graus persistia até aquele estágio.

Fui surpreendida muitas vezes por situações bastante peculiares. A partir de então passei a conversar a respeito e trocar experiências com amigos e conhecidos que freqüentavam ou que já houvessem participado de alguma maneira de outros mestrados e doutorados.

Na época, o bom humor era minha "marca registrada" e percebia estas coisas como sendo cômicas, isentas de qualquer característica trágica.

Os depoimentos esbanjavam mostras do conflito primordial da academia, reproduzindo a escola. As relações e as pessoas ali são descaracterizadas e coisificadas. As normas, regras, as coisas passam a ser sujeitos. As pessoas, objetos.

O docente vai-se transformando dia-a-dia num objeto sem rosto, sem cabeça, sem identidade. Despersonificado, vira uma coisa, enfim.

Logo que foram comunicadas as ementas e bibliografias que seriam utilizadas, mais surpresas.

Episódio 2 - As coisas da escola e seus adereços (os dogmas)

2.1) Material de estudo - aquisição e punição

Foi exigida por alguns professores a aquisição de uma lista muito variada e vasta (inegavelmente rica em conteúdo) de material de estudo e consulta, porém caríssima. De forma geral, fugia à realidade financeira da grande maioria do grupo. Independente deste detalhe, deveria ser adquirida, sob pena da avaliação ficar prejudicada. O docente indicaria, no final de cada encontro os conteúdos que seriam "aprofundados" no seguinte e os alunos seriam avaliados conforme fosse comprovado o cumprimento da exigência. A isto chamei de "tarefa de casa", como é na escola.

Sucederam-se, durante o curso de tais disciplinas situações delicadas.

Não eram respeitados os limites econômicos, de tempo disponível ou orgânicos dos alunos. Mesmo sendo do conhecimento de todos os acadêmicos que não são poucas as exigências das diversas disciplinas de frequência obrigatória, todos tem limitações. Mas as pós-graduações são assim mesmo.

Por não conseguirem cumprir com "obrigações" como ocorre na escola elementar, muitos foram repreendidos e receberam anotações no diário de classe do professor.

Reflexão

O poder financeiro - ou denominado poder aquisitivo - da população em geral, no Brasil, é bastante precário. E de domínio público que os salários dos professores de escolas públicas é irrisório.

Existe até mesmo um programa humorístico de televisão que satiriza diariamente tal estado de coisas, ao finalizar com um gesto diminutivo acompanhado dos dizeres "...e o salário, óóó!"

Como é possível que isto passe despercebido por colegas de categoria?

Sabe-se que a remuneração do professor universitário é bastante superior à dos demais. Isto merece uma reflexão a respeito da consciência de categoria dos professores nos diferentes graus de ensino, quando se está tratando de um assunto comum a ela e com colegas que buscam aperfeiçoar-se muitas vezes à duras penas.

Muitos dos depoimentos que colhi na escola manifestam esta situação calamitosa.

- "(...) A Escola é uma instituição que foi criada para instruir o povo em geral sem distinção. A instituição pública foi uma bandeira democrática da burguesia em ascensão para que se criasse cidadãos livres e iguais perante a sociedade. Hoje a escola é um privilégio de poucos, mesmo a escola pública, que de pública não tem muita coisa, pois se paga muito caro para

se estudar, desde o material escolar até mesmo o pagamento de matrículas fazem com que se torne cada vez mais difícil a instrução pública".

(Auxiliar de Ensino - Formação Magistério)

"(...) eu quero ser professora porque acho legal e o meu pai tem bastante dinheiro, aí eu não vou passar fome. Não sei como é que vocês não tem vergonha de ganhar o salário que ganham, mas acho legal ser professor".

(Katiane, 16 anos, 6a. série)

"(...) mas as escolas de hoje, estão péssimas. Os diretores cada vez piores. E como o salário dos professores é muito baixo, nem todos tem vontade de dar aula".

(Aline, 14 anos, 7a. série)

"(...) A escola é a continuação do que aprendemos em casa. Só que hoje como o salário dos professores mau dá para comer, os professores não se interessam pelo seu trabalho. Na maioria dos colégios municipais não tivemos alguns professores durante o primeiro mês".

(Juliana, 14 anos, 7a. série)

Casos como de um dos meus ex-alunos (hoje ganhando a vida como bicheiro e bem remunerado) ilustram esta questão com muita transparência.

"Eu até que sinto vontade de voltar a estudar e me formar, mas eu fico olhando pra vocês e não sei se vale a pena". (Betinho, 2o. grau incompleto)

2.2) Caderno, caderneta, diário de classe e outras "coisas importantes" - os adereços

O material escolar exigido, não pode faltar sob pena de a apreensão dos conteúdos ficar comprometida. A produção intelectual acadêmica é ali objetivada, isto é, objeto e prova palpável da aquisição do conhecimento. Mas a forma, disposição e apresentação deste produto, quem define é o professor. E ele também quem decide se a metodologia está correta (o que está certo ou errado). E ele quem aceita, ou não, a forma de expôr, caso ocorra alguma alteração nos padrões pré-estabelecidos. Avalia, codifica e gradua.

Dai o questionamento e a posição contrária dos mais convencionais com relação a prática da dialogicidade, onde o aprendizado se realiza com base no diálogo entre professor e alunos, ambos em pé de igualdade.

"A priori", o que é padronizado em termos acadêmicos, deve ser seguido. As normas não podem sofrer alterações sem que sejam formalmente autorizadas, comunicadas e institucionalizadas

Assim, como a apresentação do caderno, das tarefas em geral, dos trabalhos de qualquer disciplina, inclusive de educação artística, o capricho nas apresentações ao quadro-negro são normas a serem seguidas e respeitadas.

Geralmente, para freqüentar o estabelecimento de ensino no primeiro e segundo graus, é obrigatório o uso do

uniforme. No terceiro grau, apenas nas atividades da prática desportiva. Na grande maioria dos estabelecimentos, o aluno fica proibido de entrar em aula caso não esteja devidamente uniformizado.

A própria denominação do vestuário é suficiente para que se observe a expropriação da individualidade. Sob o pretexto da praticidade e economia, o uso do uniforme é introduzido. Todos devem estar uniformes, uniformizados, iguais.

A escola os fará iguais? A hierarquização da escala a ser galgada não é discriminatória?

Na caderneta ou agenda escolar obrigatória na escola são registrados os comparecimentos, os dias letivos e as boas notas com tinta azul. Os retornos para casa por falta de uniforme ou outras infrações, tais como suspensões ou notas baixas, assim como os dias não letivos são geralmente registrados em vermelho. Tudo que está relacionado ao controle e à disciplina fica ali registrado, como também os comunicados entre escola e pais ou responsáveis dos alunos.

Há que ressaltar-se que este documento jamais pode ser esquecido, pois o esquecimento, inclusive, é passível de punição. Afinal, este ato caracteriza desobediência e sem os devidos registros é como se não houvesse comparecimento.

A lista de chamada ou Diário de Classe, por exemplo, é utilizada até às pós-graduações para que todos possam cientificar-se, sem dar margem a dúvidas quanto as tarefas realizadas, de presenças e ausências. Pois o controle da frequência, das entradas e saídas não pode ser perdido de vista.

São normas!

O aluno deve também, aprender a valorizar os murais da escola, que estão constantemente fazendo alusão a alguma data comemorativa, cheios de pensamentos de conteúdo moral ou apenas enfeitando e tornando "mais bonitos" corredores e demais dependências. Quem os confecciona é, quase sempre, uma professora muito prezada e habilidosa ou alguém do setor administrativo que gosta muito de ver a escola "bonita".

Nas ocasiões em que são expostos nos murais, os trabalhos de alunos, pode ser observado que, em geral, há um tema comum a todos refletindo, invariavelmente, pontos de vista do professor.

O espaço físico da escola como em outras organizações disciplinares (exército, fábrica, manicômio) "é cercado". Na grande maioria das universidades, também.

Isto não acontece à toa. Da maneira como é arquitetada e construída a escola, torna-se possível exercer um controle incessante do trabalho, dos movimentos e das ações do corpo discente de forma que todos os passos possam ser previstos como e com quem cada um anda. Conforme as equipes de controle disciplinar ou de segurança, isto torna visível, o que ele é.

As coisas são supervalorizadas tomando o espaço e a importância dos indivíduos como se tivessem vida própria. Desde o giz, o caderno, a borracha, o quadro-negro, o material de Educação Física, o Diário de Classe, até as notas, a caderneta de controle disciplinar e de frequência ou o uniforme,

tudo é mais importante que o aluno. Este torna-se um mero instrumento destes objetos. A pessoa do aluno vale de acordo com a sua relação com as coisas da escola. O valor do aluno pode ser medido conforme seu desempenho com o giz ao quadro negro, sua caligrafia, cadernos, comportamento na carteira ou relacionamento com a bola nos desportos impostos pelo currículo na disciplina reservada às atividades corporais. Tanto melhor aparece em notas, no Conselho ou no Diário de Classe, mais pode valer.

O discente produz o trabalho escolar, o professor devolve notas. Se for disciplinado e comparece sempre uniformizado, a direção o reconhece como bom aluno.

E destacado. Terá regalias de complementação de nota, caso no final do ano letivo não venha a alcançar a média exigida para a aprovação.

Neste contexto, as coisas são percebidas, concretamente, como determinantes das relações, independente da vontade das pessoas, como se tivessem vida própria e não dependessem da produção humana, da sua atuação, muito menos da sua existência. Pelo contrário, existem apenas por terem condições materiais para tal. Os homens é que devem submeter-se a elas.

A escola, aparentemente, tem vida própria. É algo que apenas com seus recursos materiais pode existir sozinha, autônoma. Dispensa a iniciativa dos educadores e dos educandos. O "saber universal", conhecimento historicamente construído pela espécie humana, que deveria ser transmitido na escola, torna-se

algo capaz tanto de valorizar quanto de desvalorizar os homens que por ela passam. A escola é "fetichizada" incutindo o mito de que aqueles que não lhe têm acesso possuem menor valor, enquanto os que galgaram todos os seus degraus possuem maior.

A escola é apreendida como um ser transformador ou libertador e os alunos como coisas que são agraciadas por ela.

Enfim, as relações entre pessoas na escola são relegadas a um plano inferior ao das normas, dos objetos e de todas as suas "coisas".

Frente a tanto o que respeitar, acatar e considerar, não será o estudante um mero detalhe? Mais uma coisa entre as burocracias, normas e formalidades?

Quanto à organização do espaço da sala de aula pode-se perceber que o enfileiramento é utilizado como prática instituída nas escolas e até nas pós-graduações. Esta distribuição dos corpos se estende muitas vezes aos corredores, passeios, quadra de esportes, comemorações, isto é, contraditoriamente nos momentos de suposto divertimento. A fila pressupõe e induz a incapacidade de auto-organização do grupo.

O espelho de classe, mapeamento da localização de cada um na sala de aula, utilizado no primeiro e segundo graus, é confeccionado pelo professor regente e a turma tem a obrigação de acatá-lo sem discussão ou negociação prévia.

O espaço escolar ou acadêmico deveria ser o local de expressão maior da espécie humana, enquanto ideal para a objetivação (manifestação concreta e palpável) da produção mental

e espiritual dos homens. Pois, talvez a mais radical de todas as necessidades dos homens seja a de exteriorizar-se, manifestar-se objetivamente, pôr o conhecimento construído para fora de si, objetivar-se. O homem necessita de objetivar-se, manifestar sua construção e produto perante os demais para ser.

Caso deva o discente retornar para casa por infringir normas, qual o conhecimento em nível de saber universal terá ele adquirido?

Qual aprendizado justifica esta obrigatoriedade?

O que lhe é acrescentado enquanto cidadão?

Tendo o aluno comparecido no horário devidamente uniformizado (no caso da escola), são iniciadas as atividades.

Estas, assim como o tempo e lugar são determinadas por outrem.

Conclui-se então que, objetivamente, a escola e suas coisas adquirem valor por si, por suas qualidades inerentes e, independentes das pessoas (aluno ou professor), tornam-se sujeito controlador das atividades humanas.

Todos os dias, os cidadãos mais esclarecidos lutam pelo direito à escola em todos os níveis para todos os indivíduos, indiscriminadamente. Também, indiscriminadamente, todos os dias as relações acadêmicas são coisificadas e os homens ali se encontram coisificados.

O estudante aprende a seguir as normas disciplinares, a respeitar os lugares de cada coisa, a ocupar "seu" lugar na sala e na fila, a se localizar pelo seu número na lista de chamada, a usar o uniforme corretamente, a repetir a matéria que o professor ministra. E o professor, por sua vez, repassa o planejamento, que está de acordo com o programa que foi determinado pela órgão competente de educação, que também segue a determinação de outro órgão burocrático hierarquicamente superior e assim por diante, num moto contínuo.

As coisas da escola constituem-se nos sujeitos da escola. Todos, impessoalmente, conforme suas funções e a autoridade atribuída devem segui-las e respeitá-las.

O relógio-de-ponto, o sinal que determina o início e o fim das atividades, a lista de frequência, o enfileiramento, as provas, o planejamento, a vigilância disciplinar fazem a escola.

Episódio 3 - A doutrina, Controle de informações e idéias: quem determina o volume e o tipo de saber

Prosseguindo a trajetória no mestrado ...

3.1) Por vezes os textos de estudo consistiam de até trezentas páginas, a ser realizada em prazos de quarenta e oito horas, ignorando as adversidades e (ou) limitações inerentes à vida acadêmica e pessoal destes adultos: os mestrandos!

Denominei a isto, "over dose" de informações.

Nenhum organismo ou sistema nervoso em estado normal pode assimilar.

Ocorreu então na turma, o primeiro caso de mal-estar importante. Em sala de aula um colega questionou junto ao professor esta prática. Após a discussão e ameaças, foi acometido de fortes dores, sendo transportado às pressas ao hospital. Estava com úlcera oriunda de "stress" orgânico e nervoso. Fato bastante curioso por se tratar de alguém com uma fome ilimitada de saber.

3.2) Na mesma época, outra bibliografia a ser aprofundada numa disciplina obrigatória foi destaque.

Não extrapolava o preço ou quantidade de conteúdos. Manifestava, sim, uma admirável auto-estima por parte do ministrante. Não incluía qualquer coisa que não fosse de sua

autoria. Todos os que frequentaram suas aulas - em diferentes cursos - dificilmente desenvolveram trabalhos que não refletissem o pensamento do professor ou algo de sua própria criação, sequer divergente do que ensina.

Assisti, aproximadamente, a quatro aulas inaugurais suas e todas foram exatamente iguais. Digo, atualizando alguns dados numéricos.

Reflexão

O que questiono não é a capacidade de tal professor nem a qualidade de suas teorias. Questiono, sim, o autoritarismo e a centralização de poder, delegados a determinadas pessoas num curso e exercitados mediante o controle do saber na prática pedagógica.

Parece-me que o correto seria neste ou em casos similares, que a disciplina levasse o nome do autor e não aparecesse no currículo como obrigatória mas optativa. Sendo assim os que desejam ou não especializar-se num determinado pensamento podem optar.

3.3) Tive a felicidade de participar de momentos de reflexão filosófica, maravilhosos. Era deslumbrante vivenciar exercícios do intelecto que levavam a mim e meus colegas à viagens e delírios filosóficos, nos quais íamos da caverna às luzes. Lamento, porém, que o desfecho daquela prática tenha sido encaminhado para trabalhos acadêmicos convencionais

que tornaram evidentes que assumir o "não sei", ou "sei que nada sei", é privilégio exclusivo dos docentes - que nestas circunstâncias não são colegas, são superiores: "FH Deuses"!

Reflexão

Aos alunos cabe "apreender" os conteúdos impostos e considerados necessários por quem os determina como tal, cumprir com as formalidades burocráticas ou metodológicas e, posteriormente, aguardar até a ocasião em que os transmissores legítimos se disponham a discutir sua produção formal ou ver publicada a nota de avaliação sem maiores discussões.

O estudante não é considerado como o dono do trabalho resultante de sua produção intelectual. O trabalho escolar aparece como algo que produz uma coisa estranha e independente daquele que o realizou. Isto é, o aluno se converte no servo do seu objeto de duas maneiras: (a) porque recebe a tarefa a ser realizada, o que aparece como recebendo conhecimento e (b) porque recebe meios para a sua subsistência no futuro.

(a) O trabalho escolar é determinado por um currículo, previamente estabelecido, adequado por aqueles que confeccionam o planejamento e imposto pelo professor que tem por obrigação cumpri-lo. O aluno se torna um escravo de seu trabalho, pois se não o realiza a contento dos mestres, incorre no risco de ser avaliado negativamente. E isto funciona como ato punitivo, de vez que sanciona a produção do aluno com o estigma da

incompetência e incapacidade.

O discente recebe o objeto da atividade a realizar como qualquer outro trabalhador, isto é, pré-determinado.

(b) A realidade se mostra de tal forma que o rendimento escolar, correspondente ao exigido ou desejado pela escola, é o que pode vir a proporcionar condições satisfatórias de subsistência, tanto na academia quanto na sociedade.

O aluno é constantemente desapropriado de sua produção, não determina o que deseja produzir, não produz o que deseja e sequer tem o direito de atribuir-lhe o valor.

E estranho à sua própria atividade.

E exercida constantemente uma prática coercitiva - sobre os que devem "apreender" o saber universalmente construído - sem limites, sem emoção, sem "ser humana", pelos que já tem competência adquirida e legitimada, para ensinar e exigir conteúdos mais eruditos.

E aplicada na academia uma tecnologia de poder pela inibição da expressão, que introduz a pessoa num processo infantilizador e docilizante. Deixa de ser sujeito que pensa e passa a ser objeto de manipulação.

Pela forma do como produzir, o trabalho escolar ocorre como algo exterior ao indivíduo e, ao invés de realização, aparece como perda ou fardo, como trabalho forçado, não lhe pertencendo, mas àquele que dele se apropriou (comprando ou não com notas ou méritos). Sendo assim, tanto a tarefa como a atividade de produção, vêm pré-determinadas e não pertencem ao

indivíduo que produz. O poder de decisão sobre aquilo que o aluno vai produzir não é seu. E, sim uma imposição ditada externamente. Como seja, o trabalho intelectual não significa realização.

O estudante está separado de sua produção, não é sujeito. É coisa. Não decide, não pensa, apenas executa. O sacrifício, o desgaste sofrido pelo trabalhador durante a sua jornada não redundam em seu benefício próprio. Torna-se um autômato, tão somente.

Como se isto não fosse o bastante, o sacrifício é mistificado, exaltado de maneira que o homem se torna ainda menor e menos importante.

"Tanto na religião como na política o homem se põe fora de si como ser genérico que não pode manifestar-se em toda a sua vida social normal - porque a sociedade, não se pode esquecer, ... é um terreno no qual cada um persegue unicamente seus fins particulares. O interesse geral, incompatível com os interesses privados, somente pode existir abstraído destes da sociedade." (ENQUITA, 1985, p.149)

O aluno vive estas situações pois não tem poder decisório sobre aquilo que deseja estudar ou mesmo produzir. As matérias a serem estudadas são impostas, a produção acadêmica igualmente. E, sendo esta produção algo que muitas vezes não lhe interessa, perde-se completamente, inclusive da memória, e é esquecida logo depois das provas.

Os que determinam, planejam ou transmitem não questionam. Afirmam e repetem que os conteúdos devem ser repassados.

" A escola serve para ensinar bem os conteúdos incluídos em sua proposta curricular, garantindo ao aluno o acesso ao conhecimento que é necessário para a compreensão do mundo".

(Orientadora Educacional)

"(...) transmitir conhecimentos teóricos e técnicos buscando o aperfeiçoamento de todos seres em questão, nas áreas de caráter universal e também naquelas que esta mesma sociedade julgar importante ou interessante".

(Professora de Língua Portuguesa)

"(...) a escola é local de transmissão de conhecimentos".

(Professor de Ciências)

Raríssimos são os casos em que os educadores percebem tal fato buscando outra postura.

"(...) a escola serve para gerar conteúdos".

(Professor de Educação Artística)

O professor - enquanto tarefeiro - apresenta, informa, ensina aquilo que está previsto no plano de aula, que segue o planejamento, que respeita o que consta no programa, que

é determinado pelo currículo, que é regulamentado pelo plano de educação. Educação?

A transcendência através da produção intelectual é, por ironia, vista socialmente como coisa de indivíduos "alienados" (fora da realidade). Um exemplo gritante deste comportamento é a exclusão da cadeira de filosofia dos currículos escolares. Filosofar? Exercitar o pensamento? Os ditados populares dizem que: "Ficar pensando só pode acabar em bobagem, boa coisa, não dá! Para quê?"

E comum acreditar que o exercício puro do pensar é pura "alienação" da realidade. O aluno não pode pensar ou filosofar. Tem um currículo a seguir e dominá-lo para trocar por notas.

Todos os conteúdos são repassados na forma de disciplinas.

Do terceiro grau em diante são seguidas as ementas de disciplina.

O repasse dos conteúdos ali constantes ocorre de forma externa ao discente, aquele que em princípio deve ser o maior interessado. Como pode este interessar-se por algo imposto?

As atividades físicas e artísticas são regidas e ministradas na forma de disciplina e é exigida constantemente uma adequação dos movimentos do aluno aos materiais.

Na graduação, pode optar pela modalidade desportiva a ser praticada. Mas, esta também é disciplina obrigatória.

Nestas práticas desportivas todo e qualquer ato é elaborado mediante uma espécie de esquema anátomo-cronológico de comportamento. O ato é decomposto em seus elementos. A posição do corpo é definida, como é a dos membros e articulações: para cada movimento é determinada uma direção, uma amplitude, uma duração. E prescrita uma ordem de sucessão. Uma boa caligrafia, por exemplo, supõe uma ginástica - uma rotina cujo rigoroso código abrange o corpo inteiro, da ponta do pé à extremidade do indicador.

Será que alguma forma de condicionamento torna o aluno tão dócil, para que se sujeite de tal forma?

O que determina a necessidade e o interesse?

Qual o papel do risco de exclusão e das notas neste contexto?

Por que nas apresentações de seus trabalhos, elaborações e defesa de dissertações o discente é povoado de angústias?

Não deveriam ser estas as ocasiões mais agradáveis, de realização e prazer do intelecto?

Episódio 4 - Culpa e sacrifício, "Cola", nota, sanção, recompensa, etcétera e tal ...

Na medida em que o curso foi-se desenrolando, meu assombro foi crescendo.

Certa feita, uma das colegas (professora universitária, pessoa notoriamente digna e correta, uma senhora em idade adulta, ou seja: não se tratava de uma criança) chegou aos prantos na sala onde era ministrada uma disciplina comum à todas as linhas de investigação e relatou o seguinte episódio. Sua turma estava sendo submetida a uma prova escrita e o professor supôs que ela estivesse "colando". Segundo acontece nos casos de indisciplina de alunos desde o tempo do curso primário, foi repreendida e punida.

Todas as vezes em que recorro o pânico, a fragilidade e a indignação daquela pessoa, fico sem adjetivos adequados para explicitar ou qualificar meu posicionamento diante da atitude de seu professor.

Reflexão

Meu entendimento em torno de avaliações nas quais o aluno pode sentir-se tentado a "colar" é bastante simples e objetivo. Conhecimento que pode ser copiado ou decorado, é coisa! Não pode ser considerado conhecimento humano apreendido, ou seja, significados construídos nas relações vivas entre

homens. O que não pode ser avaliado e resignificado é indigno de ser considerado como conhecimento. E "decoreba"! Uma mercadoria que se compra ou vende por uma nota. Não é digno de uma relação que supõe Educação.

Talvez se trate de um instrumento de coação.

Desde muito cedo a escola submete os indivíduos a situações em que é obrigado a "provar" que assimilou um certo discurso. O ato de submeter-se repetindo o discurso imposto, legitima a dominação.

Durante a pré-escola, nas avaliações de apreensão de conteúdo, são utilizadas as dissimuladas "estrelinhas" e os comentários dos professores do tipo "gostei!". Terá o aluno que agrada ao professor? Não estará desde tão tenra idade sendo levado, induzido ou coagido a produzir dentro de moldes "pré-dados" ou vender até a si próprio?

Conforme vai crescendo, segue uma escalada hierárquica que gradativamente determina seu "lugar nos graus da educação e do conhecimento".

A **seriação** é a prática hierárquica de colocação de cada um no âmbito escolar e segue toda a escalada até que conclua o curso que lhe dará o diploma de aptidão para o exercício de alguma categoria profissional. Sendo que esta não é, necessariamente, a que deseja seguir, mas a que consegue ter acesso na oportunidade do teste vestibular.

Os alunos vão sendo ensinados e condicionados aos conteúdos impostos e testados posteriormente.

A classificação nesta escala é representada por números e letras que colocam os considerados mais fortes em turmas, seguindo a ordem do alfabeto ou uma ordem numérica a partir do número da série em que estão. Ex.: os alunos das quintas séries nas turmas 5a.A e 5a.B pertencem a turmas, denominadas mais fortes ou 501 e 502 são "melhores" que os da 5a.C e (ou) 503. Os demais são mais "fracos".

As notas seguem o mesmo método e quem alcança conceito A ou nota 10 é considerado melhor, mais inteligente, estudioso e com melhores chances na vida ou de ser alguém no futuro. Será mesmo? Uma coisa pode garantir-se o diploma ou titularidade estão mais próximos.

"(...) para as pessoas irem em frente, ter um futuro digno. Pretendo encontrar um caminho na vida".

(Nayara, 15 anos, 8a. série)

"(...) para que no futuro temos uma boa profissão, não precisa ser das melhores, mas que pelo menos sirva para voce dizer que valeu a pena ter estudado".

(Eva, 15 anos, 6a. série)

"(...) é dela que vem o futuro da criança e do adolescente".

(Ezequiel, 15 anos, 4a. série)

"(...) pois na escola estamos começando a subir a escada do futuro. Hoje em dia é muito difícil encontrar

emprego com estudo, imagine para uma pessoa que não estudou..."

(Martha, 13 anos, 6a. série)

As vezes chegam a receber medalhas de mérito nos finais de curso.

Antes de ingressar no terceiro grau, o aluno está sujeito à prática de que lhe será exigido trazer de casa trabalhos, provas e (ou) boletins assinados pelos pais, sob pena de não ser permitida sua permanência no estabelecimento de ensino, caso descumpra a exigência. Esta é mais uma forma de pressão bastante praticada.

A vigilância constante, as sanções e o exercício incansável de submissão a um sem número de coerções tal qual testes e provas, punições, constroem (ou destroem) um indivíduo que, alienado, distanciado de si mesmo, de sua produção, dos seus iguais, de seus anseios, suas aspirações e seus valores fica reduzido a "coisa" .

Não se realiza, não transcende, não é e não pode ser sujeito.

O que permeia esta relação sujeito-objeto não só se apresenta, mas está invertido escola. Não é mais o homem o autor da escola. A escolarização formal e a formação acadêmica é que aparecem como autoras do homem.

Já não é, justamente, o que faz de sua espécie soberana dentre as demais: a capacidade de saber. E disciplina pura, introjetada, mediante a sanção normatizadora.

"Estabelecer as presenças e ausências saber onde e como

encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper

as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza o espaço analítico". (FOUCAULT, 1977:131)

No processo de aprendizagem formal (escola ou universidade) o que não possui o nome de disciplina é lazer. Por conseguinte, a construção conhecimento vista deste enfoque não pode ser prazerosa. Se for, não pode ser levada em conta.

Ali os indivíduos não podem fazer o seu próprio caminho ao caminhar; o caminho já está traçado e deve ser penoso.

Segundo Foucault, a distribuição das atividades didático-pedagógicas na forma de disciplina congrega um conjunto de mecanismos que além de esquadriñar o espaço, decompõe e recompõe as atividades visando a adequação dos gestos com as atitudes e os objetos, estabelecem a seriação dos atos e acumulação de forças, compõe as forças individuais sob comando centralizado. Estes procedimentos produzem o "indivíduo" definindo seu espaço, determinando seus atos, estabelecendo sua evolução e o articula num coletivo.

Esta articulação o dilui.

A escola enquanto espaço disciplinar é regida por uma política de coerção ininterrupta e, portanto, uma relação de docilidade e utilidade é estabelecida.

A escola, também desapropria os indivíduos de seu tempo, do prazer, quantifica as qualidades e os distancia da essência do gênero.

O estudante não trabalha para viver sua plenitude intelectual, para realizar-se, para saber, transcender. Estuda sim, para trabalhar e ser expropriado do produto de seu estudo.

O aprendiz produz para que seu mestre "goste".

Na Obra A Formação da Classe Trabalhadora Inglesa (uma das que mais despertou meu interesse durante o mestrado), particularmente, o estudo em torno do poder exercido pela religião no sentido de coagir os trabalhadores à ideologia do trabalho inculcando disciplina, culpa e sacrifício, Thompson cita Weber quando ressalta a necessidade de uma coerção interna para manter o trabalhador em atividade, uma vez que o incentivo salarial, punições e multas não resolviam.

"Contra a coerção externa, há sempre uma dose de rebeldia que interfere sobre a eficácia do trabalho ou incapacita os indivíduos para qualquer atividade diferenciada que requeira inteligência, iniciativa e responsabilidade (...). Indubitavelmente, o capitalismo não poderia ter-se desenvolvido caso maior parte das energias humanas não fossem canalizadas na direção do trabalho". (Weber, apud Thompson, 1987)

Para que surgisse a ideologia do trabalho, o indivíduo comum sofreu uma metamorfose e virou "trabalhador". Isto como se não o fosse anteriormente. Necessitou então que

transformar-se no seu próprio feitor. Assim, a religião exaltando a todo o momento a necessidade do sacrifício, expiação dos pecados, da rejeição a todo e qualquer prazer "mundano" como o sexo (desejo natural de qualquer animal em idade adulta), lazer ou diversão, introduziu a ideologia do sacrifício.

O poder transformador da cruz consistia em "resgatar aquele pobre desvairado" de vida irregular - pecaminosa - ociosa em um trabalhador disciplinado, humilde, laborioso ... Transformar a personalidade do homem, reprimir energias espirituais e emocionais, enfim a inibição de toda a espontaneidade.

O estudante enquanto trabalhador em potencial, necessita de fazer o mesmo.

A escolaridade mais do que a religião (por ser obrigatória) é, portanto, o direito democrático de coerção introjetada que tem o cidadão para melhor viver na sociedade dita civilizada.

Episódio 5 - Distanciamento de iguais e "co-operação"

Continuando, no evento da condenação por suspeita de "cola", a atitude dos colegas foi ainda mais assombrosa. Praticamente, não tomaram conhecimento. Ninguém queria se comprometer.

Dali por diante, passei a perceber que esta indiferença não estava restrita àquela situação, mas que não existia cumplicidade, muito menos solidariedade entre os que deveriam ser naquele contexto os seus (dos mestrandos) ou meus "iguais" .

O distanciamento e divergências não se restringiam as linhas de investigação ou postura ideológica. Havia uma disputa interna bastante acirrada que, com o decorrer do tempo, pude perceber, ultrapassava os limites do próprio curso. Estas tendências acadêmicas são denominadas:"igrejinhas"

As "igrejinhas" apresentam algumas características típicas das irmandades nas escolas americanas ou dos partidos políticos com ideologias divergentes. Estão sempre uns contra os outros e isto basta! E difícil compreender algo deste tipo num espaço em que se propõe a educação ou socialização do saber universal.

Eu também participei, como adepta fervorosa, de uma delas durante o curso.

Durante a frequência das disciplinas que elegi, fui endeusando determinados professores e autores com suas

categorias de análise, idéias e, gradativamente, também me distanciando do restante.

O conflito estava estabelecido.

Não aceitava as demais visões de mundo e vice-versa e minhas concepções eram rejeitadas por outros.

Reflexão

Percebo agora, após longo aprendizado, que quanto mais pluralistas as relações e informações mais ricas podem vir a ser.

O discurso hermético é corporativista, excludente e preconceituoso e, com certeza, uma "ferramenta de desagregação" daqueles que a utilizam.

Os intelectuais acadêmicos mais radicais e herméticos, só andam com outros intelectuais, raramente falam "abobrinhas", não se misturam às pessoas comuns e competem até nos diálogos mais descompromissados.

São muito espontâneos e solidários nas festas e nos bares onde (possivelmente por reprimirem no cotidiano também a si mesmos) bebem bastante e, assim, alguns se liberam e "soltam os bichos" com atitudes que deixariam constrangidos adolescentes de primeiro e segundo graus, calouros da universidade, muitos boêmios e mesmo "conceituados e bons de copo".

Este comportamento reflete um corporativismo constituído de dois momentos:

- Relativo aos que não estão ou estiveram neste meio: "Somos intelectuais, vocês não!"

- Aos que por ali passaram e (ou) estão: "Somos intelectuais, porém, mais eruditos e (ou) científicos que vocês!"

A atividade de produção do conhecimento humano e busca do saber é atividade produtiva para outros homens e, ao invés deste fato aproximá-los, ao realizar-se na forma como ocorre, os afasta.

Ao contrário do animal que exerce sua atividade compulsivamente, o homem o faz consciente. A medida que isto ocorre sem que seja o autor e solidário, este ato o afasta dos outros.

Ao produzir cooperativamente - "co-operando", no sentido de atuar apenas em sincronia com outros - o trabalhador ou o discente se tornam semelhantes a qualquer ruela, parafuso ou engrenagem de uma máquina. Assim na sala de aula, na linha de produção ou nas repartições institucionais, o homem está distante dos demais e exerce sua atividade de forma individualizada e solitária. A sala de aula como a maioria dos locais de trabalho funciona na forma cooperativa. A cooperação não é solidária, pelo contrário, é apenas simultânea. Faz com que todos estejam de certo modo sós, não se identificando com sua atividade produtiva e tampouco com seus companheiros. Apesar de estarem exercendo a sua atividade conjuntamente, não são colaboradores, tudo o que fazem lhes é estranho.

Os alunos executam atividades no mesmo espaço, ao mesmo tempo. Entretanto, estão individuados e sua produção é executada e avaliada individualmente, desconhecendo-se o interesse ou o tempo de cada um. Com freqüência, o discente vive a academia como algo desagradável, penoso, desgastante, que não traz prazer ou satisfação.

Nas salas de aula é bastante comum encontrar alunos com o olhar distante, como se ali não estivessem e uns concorrendo com os outros, travando uma acirrada e sutil disputa.

De atividade criadora, livre, passa a ser meio de satisfazer exigências sociais, como de manter o estudante (trabalhador em potencial) apto para sobreviver numa sociedade competitiva.

"(...) além da socialização, repasse de conteúdo e acesso ao saber historicamente construído, o aluno deve estar pronto para competir e **ter as armas** para enfrentar uma sociedade competitiva... é ele quem vai decidir, posteriormente, o que vai fazer com isto".

(Supervisora Educacional)

Por ser auto-consciente o homem faz, da sua atividade de ser, um meio para garantir a própria existência como indivíduo e **segurança** da sociedade. No entanto, como a escola é um espaço propício ao relacionamento social, a maioria não percebe este aspecto, que vai sendo incutido gradualmente, e busca ali o estabelecimento de relações mais humanas.

"(...) a escola é importante e necessária pois, deve capacitar as pessoas para o convívio em sociedade".

(Professor de Artes)

"(...) é um lugar para o ensino e estudo. Serve para ensinar e fazer amigos".

(Paola, 13 anos, 6a. série)

"(...) é um ambiente que em primeiro lugar exige respeito e coleguismo".

(Ana Paula, 6a. série)

"(...) nos ensina a viver em grupo".

(Ionara, cozinheira e servente, 7a. série, 1o. grau incompleto)

Episódio 6 - Resistência, exclusão, autoria ...

6.1) Não recorde de haver conhecido nos meios acadêmicos quem não tenha participado de uma "igrejinha". Em tempo: conheço uma pessoa. Certamente existem muitas mas, no curso, tomei conhecimento apenas desta.

A pessoa em questão, ingressou no mestrado, tendo sido aprovada na mesma linha de investigação que eu. Sua história de militância política e pedagógica, os que a conhecem, sabem do valor tanto dos compromettimentos e empenho nas lutas pela melhoria das condições de vida do povo "em geral" como no quanto concerne, especificamente, a linha pela qual optou no curso.

Tais foram as pressões e a segregação às quais foi ali submetida que optou por uma luta acadêmica solitária, depois de uma vida inteira de luta política solidária.

O curioso é que apesar das pressões e perseguições sofridas na época da repressão política, jamais esteve tão frágil e desestruturada.

O processo de exclusão a que foi submetida teve início quando, durante os primeiros debates de conteúdos em aprofundamento de algumas disciplinas obrigatórias, foi interpelada com falas do professor, depreciativas e com caráter de repreensão, tais como: ... "você não sabe de nada", ... "isto não é conversa de botequim", ... "você tá por fora, não entende", ...

Algumas vezes comentou acreditar que esse comportamento de rejeição, só poderia originar-se de um "pré-conceito" ideológico, estabelecido a partir do memorial de ingresso no curso, pois jamais travara qualquer contato anterior com aquele que se apresentava adversário e inimigo acirrado das suas idéias e colocações sequer conhecê-las e colocações.

Ficou sem grupo, tentou mudar de linha de investigação, lamentou haver perdido o processo de construção coletiva e passou a sofrer de forte crise de auto-estima e identidade.

Veza por outra, encontrei-a chorando fora da sala de aula. Julgo que se perguntava: "O que é isto companheiros?"

Talvez por sua experiência com a repressão política, buscou forças para reerguer-se e conseguiu. Porém, não as encontrou no curso e sim fora dele. Certamente, as pessoas que a auxiliaram não estavam desejando travar uma disputa. Dissertou em torno do objeto com o qual se identifica, tendo produzido dissertação considerada excelente.

Ao retomar com novo enfoque meu trabalho dissertativo, encontrei-a e disse da minha admiração por ter conseguido "dar uma de Phoenix e renascer das cinzas!" Relatou-me que não estava totalmente recuperada. Envelhecera muito e sentia muito cansaço. Todavia, atualmente ministrava aulas, buscando assim uma reconstrução da identidade e, talvez, para provar a si que sabe alguma coisa.

6.2) Uma colega de profissão, ao ficar sabendo que eu estava cursando o mestrado, dentre os argumentos que utilizou para demover-me da idéia, relatou a experiência de uma profissional da área, quando frequentou a pós-graduação.

Para a elaboração de seu trabalho de final de curso montou e executou uma pesquisa, a partir da qual formulou teoria e propostas para a solução dos problemas detectados. Estava muito empenhada e satisfeita com o que conseguira realizar. Contudo, por apresentar falhas relativas à Metodologia Científica (no caso, as margens), sua produção não foi aceita e foi obrigada a refazê-la.

Um dos seus colegas de turma, por sua vez, foi à biblioteca de uma universidade, localizada em outro estado, copiou um trabalho, assinou-o obtendo conceito A, sem sofrimento algum. Foi aprovado.

Ao relatar o aqui descrito, a colega disse o que pensa diante da minha e de tantas outras experiências que acompanhou de perto: "(...) pós-graduação é isto, uns se desgastam muito por amor ao saber, gostam e acreditam que vale a pena estudar e, querendo aprimorar seu desempenho profissional, ficam totalmente teóricos e no final do sofrimento, não conseguem aplicar nada. Tornam-se uns chatos, têm uma melhoria salarial muito pouco significativa e muitas vezes alcançam conceitos mais baixos do que os que foram só buscar um canudo com um título".

(Professora de Educação Física)

6.3) Na época em que cursava a graduação, conheci uma intelectual, mestranda de antropologia que buscou a assistência de uma psicoterapeuta pois, segundo afirmava insistentemente, "não sabia mais escrever". Ao admitir saber, dizia: - "Não dizia que não conseguia mais fazê-lo direito". Esta pessoa vinha desenvolvendo dissertação sobre os índios que conhecia bem. Nasceu numa aldeia indígena.

Frequenteou o primário, ginásio, colegial, graduação, especialização, era culta e ingressou no mestrado onde alcançou ótimos conceitos até a conclusão dos créditos.

Quando que começou a elaborar o projeto de dissertação sobre aqueles que conhecia como ninguém, passou a questionar-se e afirmar que não sabia mais como falar do assunto diante de outros intelectuais mais graduados do que ela.

Como poderia alguém não saber redigir, falar, dissertar apenas (já que não se denomina mais defender tese) sobre aquilo que conhece intimamente?

Ela desistiu. Quantos mais não fizeram o mesmo?

Hoje tenho conhecimento de muitos casos semelhantes.

Naquela ocasião, pensei que a pessoa em foco estivesse sofrendo de problemas existenciais injustificados.

Agora sei que a a experiência pela qual passou pode levar a isto como consequência.

A academia tem verdadeiros algozes nalguns de seus representantes, e não são poucos. Ostensivamente, praticam atos de horror intelectual e, utilizam práticas legitimadas em concepções disciplinares, quase religiosas, que exigem sofrimento e sacrifício para a evolução dos indivíduos.

6.4) Um caso que acompanhei de perto, foi o da mestrande de raça negra que desejava escrever sobre a questão da própria negritude.

E considerada, por vários intelectuais de renome, muito boa redatora sobre diversas questões, particularmente sobre a questão racial. Bastante requisitada é reconhecidamente capaz.

Sucedeu com ela o mesmo que com a pós-graduanda índia.

Seriam ambas incapazes ou vieram a desestruturar-se, como todos os que procuram as terapias durante tais cursos.

6.5) Em consequência do cansaço e divergências acadêmicas, fui acometida de quase intransponível crise existencial. Na época supus perdida a capacidade intelectual. Passei a sofrer como outros companheiros de gastrite, úlcera, (quadros muito comuns a pós-graduandos estressados) e outras complicações.

Minhas limitações no sentido de pensar, questionar e aceitar diferenças adquiriram outra postura.

Assim, compreendi colegas aos quais estava habituada a considerar pessoas fracas, inconsistentes e adquiri

mais respeito pelas visões de mundo divergentes das minhas.

A esta altura dos fatos, já tivera sido excomungada da "igrejinha" à qual pertencia e não encontrava pastor, digo, orientador que rezasse segundo o que eu aprendera.

Não sei se porque fui pega de surpresa ou porque estivesse muito sensível na época (e não sabia) fiquei arrasada. Repentinamente, fui tachada de "incompetente" por quem durante muito tempo me elogiou, atribuiu a meu desempenho em mais de um curso e em várias disciplinas conceitos excelentes, tendo sido meu referencial acadêmico e de aprendizado mais forte em inumeráveis aspectos. Da noite para o dia, virei "maldita".

Reescrevi o trabalho que motivou ou trouxe consigo todo aquele "estrago". Desta vez visando o conceito B (bom) ou até um C (regular). Lamentavelmente, sem a satisfação costumeira de amor ao saber, mas com muito sofrimento e expropriada de mim mesma.

Mesmo percebendo perante tantas situações, vividas por mim e por outros, quem agia de maneira incorreta e deficiente no que diz respeito à **educação**, acreditei que havia perdido a competência para concluir o mestrado.

A sensação estendeu-se como os tentáculos de um polvo e arrebanhou todo o resto de minha existência.

Não saberia sequer ministrar aulas nunca mais. Nem nada sobre educação, nem escrever, nem sobre o conhecimento adquirido até então. Nem ser eu, nem nada, nem ninguém.

Estudei tanto e "emburreci"!

Percebo agora que, contraditoriamente, estava mistificando como as pessoas ignorantes sobre a construção do conhecimento. Estes esperam milagres da educação formal. Este pensamento pode ser constatado nas colocações de muitos dos entrevistados.

Os depoimentos que seguem manifestam a expectativa gerada e a coisificação dos homens (coisas) perante a educação formal. Isto é, consideram que a inteligência não se constrói. Os professores transmitem, se o aluno não for "burro" aprende. Não percebem que esta construção é o que torna o homem soberano perante as demais espécies. E sim, algo que pode ser adquirido, exclusivamente, na escola (sujeito). Jamais perdido ali!

"(...) ser educado para não ser burro toda a vida" . (Amilson, 4a. série, 15 anos)

"(...) serve para mim ter uma profissão certa, fixa e o melhor ter inteligência". (Graziela, 8a. série, 15 anos)

"(...) porque sem ela não aprendemos nada".
(Fernanda Marli, 4a. série, 11 anos)

"(...) se a escola não incinasse todos iam ficar burros". (Alexandre, 4a. série, 12 anos)

Como jamais tivera desistido de qualquer coisa iniciada, precisava lutar ou pelo menos tentar. Como?

Após longo e doloroso processo crítico, auto-crítico e de reavaliações fui chamada a refletir que, mostrando a tantos que estejam ou possam vir a passar pelo mesmo, talvez consiga resgatar não apenas a identidade acadêmica, como também a espontaneidade, o bom-humor, a criatividade e a auto-confiança.

Alguém comentou comigo que muitas das pessoas que ficam desestruturadas em tais circunstâncias, já devem ter outros problemas.

Reflexão

Todos têm problemas!

Muitos dos pensadores, nos quais nos fundamentamos, tinham problemas. Alguns até enlouqueceram.

Psicólogos e psicoterapeutas das mais variadas tendências têm problemas.

Nada disto justifica que os cursos de pós-graduação os agucem tanto e de forma tão significativa, nem os isenta por auxiliar o surgimento e (ou) agravamento deles.

Encharcados desta contradição, muitos passam a escrever monografias de final de disciplina que agradem a seus ministrantes, vislumbrando apenas a aprovação. Muitas vezes fazendo ironias em torno das mesmas, pois não reproduzem, nem de longe, seu pensamento.

Elaborar um trabalho de própria autoria é um verdadeiro dilema.

As palavras e idéias "têm donos".

Como se tivessem marca registrada, não podem ser utilizadas sem que digam que são deste ou daquele pensador. Tornam-se categorias de "fulanos e beltranos" e, se **academicamente** forem consideradas incompatíveis, quem tentou encerrar um pensamento seu, com alguma coerência, não pode fazê-lo, pois é considerado **academicamente** incorreto, é heresia, é na realidade, **proibido**".

A capacidade de elaboração pelo pensamento do mundo objetivo é o que distingue o homem dos demais animais e o que o converte no que constitui sua vida. Mas, quando este se encontra expropriado de seu produto de pensamento, do próprio trabalho, de sua produção, vê-se despido de sua mente, de seu corpo, de sua essência espiritual e humana. Para a satisfação de suas necessidades materiais, inevitavelmente, seu ser se inverte em meio de sua existência.

O homem se realiza pondo-se para fora, exteriorizando-se. Não sendo o sujeito (autor) de suas ações, da própria vida, as coisas que produz lhe fogem inclusive a nível de pensamento.

Ocorre constantemente a repetição da mesma coisa: o produto não é sua propriedade.

"O universo - aqui o saber - que ele produz, sua vida mental (pela qual o ente-espécie enquanto se põe, se exterioriza) também é mero meio de sua existência. Seu corpo a natureza idem! Portanto, a si mesmo se torna meio não mais fim." (ETGES, 1991)

A intencionalidade em agradar e como ocorre são preocupantes, já que as monografias e trabalhos são elaborados visando alcançar conceitos A (excelente) ou B (bom). Estes refletem em situações, numericamente significativas, idéias que não correspondem às daqueles que as colocam no papel. Não estamos aqui para agradar a todos e sim para ser o que somos, buscando aprimoramento.

Ensinar e aprender e vice-versa é o papel do professor.

Citações, notas de rodapé, bibliografias longas são consideradas "qualidades" necessárias para que os trabalhos sejam considerados mais confiáveis ou, por assim dizer, "científicos".

Por ocasião da tentativa de expressar e socializar o produto do exercício intelectual realizado visando "cercar o objeto" (o domínio do objeto de investigação e estudo das dissertações), os pós-graduandos elaboram textos que são tachados muitas vezes de "colchas de retalhos". O conhecimento é, entretanto, o resultado de diversas informações a que o indivíduo tem acesso que, assimiladas e acomodadas, resultam num produto intelectual.

"Colcha de retalhos" é um "esculacho intelectual".

Esta reprimenda formal e imediatista com um suposto apelido inocente, a meu ver não deveria ser tão valorizada pois, na prática, tem-se conhecimento de que as

"colchas de retalhos" são, quase sempre bonitas, de bom gosto e cumprem sua função de forma bastante satisfatória.

Afinal, não existe quem não tenha a inteligência e (ou) conhecimento construídos, **por partes**. Não vem prontos.

6.6) Neste ínterim, presenciei uma cena, dizem, muito corriqueira no meio.

Um professor, após longa e acirrada discussão a cerca do posicionamento de um aluno perante o pensamento de determinado autor, ameaçou jogar o trabalho no cesto de lixo caso não modificasse sua posição. O aluno prometeu obedecer o professor não cumpriu a ameaça, mas sei haver quem o tenha feito.

6.7) Uma psicóloga, mestrande de uma universidade bastante conceituada, observou que, na defesa de seu projeto de dissertação, alguém colocara ao lado de uma citação a seguinte nota: "Rever citação, se OK, rejeito a tradução".

Reflexão

Os professores não precisam ou devem concordar com os pensadores. Isto não significa que os alunos não possam identificar-se com eles ou citá-los.

Presenciei orientadores criticando de forma desabonadora a seus próprios orientandos após e, inclusive, por ocasião da defesa de dissertações. A atitude constitui sem dúvida, uma contradição curiosa, observando-se o significado da palavra orientação.

A vida acadêmica é um regulador ou desregulador da auto-estima. Tem o poder de levar as pessoas a verdadeiros delírios de prazer intelectual, sonhos e idealismos ou a angústias e desestabilizações profundas em épocas de provas, intimidações verbais ou escritas de professores, nas avaliações de finais de semestre e curso e, no decorrer das pós-graduações, onde é muito comum o agravamento ou surgimento de problemas gastro-intestinais, existenciais e emocionais.

Não é raro encontrar-se pós graduandos vivendo crises existenciais importantes e dos mais diversos tipos (em especial de identidade), buscando terapias de apoio psicológico ou acusando casos de úlcera e gastrite de fundo nervoso.

O que há de tão fabuloso, com tal importância e gratificante a ponto de merecer tal desgaste?

Onde está o mérito de algo que, quando da realização, transcendência e objetivação (materialização) do produto do conhecimento adquirido pode debilitar e (ou) destruir pessoas?

Qual a justificativa para a subjugação da existência do indivíduo na academia em detrimento das suas coisas?

Não será ele (o estudante), um detalhe, mais uma coisa entre as burocracias, normas e formalidades?

As interrogações que venho formulando desde o retorno à escola onde trabalho são inumeráveis.

Não nego o saber a que tive acesso ou a todas as influências que recebi. Recusá-las globalmente seria intransigência de minha parte.

Contudo, foi na busca do saber que travei o contato mais estreito com a intransigência.

Luis Inácio (Lula) da Silva, um homem que não frequentou a universidade e atualmente é candidato a presidência da República, possuidor de um índice significativo de promessa de voto entre intelectuais, acadêmicos e o povo em geral, afirma:

- Nem todo o "burro" é intransigente mas, todo intransigente é "burro"!

Faço minhas suas palavras.

Considerando da maior importância a opinião daqueles que estão diretamente envolvidos com a expectativa escolar, decidi consultar os vários seguimentos da escola onde ministro aulas.

Durante esta investigação adquiri um certo afeto pelo termo "burro ou burrice". É muito utilizada pelos alunos.

Estes por sua vez manifestaram uma expectativa gerada considerável, de superação deste estado, através do aprendizado convencional.

Os professores de primeiro e segundo graus que entrevistei se mostram incrédulos, sem ânimo, de forma geral, desinteressados no sentido de buscar aperfeiçoamento. Não lhes tiro a razão.

Sinceramente preocupada com as expectativas dos que são atendidos pela escola, procurei me informar a respeito.

O ato de estudar e a escalada das etapas exigidas aparecem como fantasia, sonho, um verdadeiro fetiche (algo muito desejado e fantástico, que não corresponde ao real).

Talvez fosse importante advertir quanto aos riscos a que estão sujeitos, os que seguem a carreira acadêmica. A despersonalização, perda de identidade, o corporativismo, o processo excludente a que estão sujeitos - conforme os aqui relatados - a impessoalidade e assim afora. Talvez não! Seria intransigência e burrice agir assim.

Há quem busque apenas um diploma e se realize com isto; ou queira satisfazer familiares e a sociedade; ou considere corretas e suficientes as perspectivas oferecidas da forma com que se apresentam; ou amam educação formal e desejam transformá-la em algo mais humano.

Episódio 7 - Morte do texto, linguagem oral e criatividade

7.1) Com o passar do tempo percebi que meu vocabulário e dos que ingressaram comigo, foi sofrendo modificações. Ocorreu uma sensível influência "a nível de" texto e fala.

Tal como percebia nos demais colegas eu incorporava na minha fala, mesmo tentando evitar, palavras e expressões que são verdadeiros chavões : ... o que permeia, ... há que se observar, ... o concreto das relações sociais, ... a nível de , ... contextualizando, ... o debruçar-se coletivo, ... jogar a água fora com a criança, ... é pedagógico e necessário ser criativo, ... que vislumbra, ... é metafísico e colcha de retalhos (com tom ofensivo), ... cercar o objeto, ... que contempla, ... em torno de, etc.

Neste momento, meu círculo de relações estava restrito a pessoas que pretendiam, frequentavam, já haviam frequentado ou estavam em fase de preparo para ingressar num curso de pós-graduação. Quase todos estavam participando de alguma modalidade de psicoterapia.

As vezes, nos distraíamos e falávamos no assunto. Como a maioria estava sob pressão pelo mesmo motivo, tínhamos o pacto de fazer comentários "em torno" das pós-graduações por apelidos, como:"aquilo", "aquele negócio".

Um destes amigos alertou-me para não esquecer de comer na fase final da elaboração deste trabalho, pois segundo

sua experiência, "(...) a maioria esquece. Eu atacava a geladeira". (Mestre em Psicologia Social)

Na ânsia de exprimir tudo aquilo que já fazia parte do meu ser, do pensamento trabalhado a todo o momento, muitas vezes ao escrever formulei frases e parágrafos longos. Um texto espichado!

Sei que esta era uma peculiaridade da minha escrita. Acredito que se devia à influência de leituras que muito me agradaram. Sempre redigira daquela maneira e, acatando sugestões, com algumas reelaborações e correções para redação do produto definitivo, fora aprovada.

Em determinado momento fui interpelada para que não o fizesse mais.

Fui comunicada de que, tecnicamente, é considerado mais correto que os parágrafos e as frases sejam curtos. Uma linguagem telegráfica.

Incorporou-se em mim o que alguns denominam "morte do texto". Estava estabelecida a insegurança na escrita.

7.2) Retomo a questão da mestranda negra. Relatou haver procurado aquele curso pois, segundo o divulgado, seria voltado para os movimentos populares. Ela desejava buscar suportes teóricos mais completos visando enriquecer sua militância pelas bandeiras sustentadas por seu movimento. A primeira versão do projeto de dissertação foi basicamente redigida com um texto de sua total autoria, com referências a

intelectuais negros e de acordo com a formação de quadros do movimento. Esta versão do ante-projeto, proposta e (ou) forma de "cercar o objeto" não foi aceita e o professor lhe exigiu novo texto com formatação acadêmica. Dali em diante perdeu o interesse e não se viu mais motivada para prosseguir desenvolvendo ali um trabalho mais abrangente, menos hermético e entendeu aquele processo como distante das suas lutas.

Reflexão

O "cercar o objeto" percebo hoje é, sem dúvida das primeiras e maiores neuroses do mestrado.

Pensamos, falamos, dormimos, comemos, sonhamos, andamos, existimos apenas para "cercar o objeto". O restante da existência fica relegado a outros planos não tão importantes. E "cercar o objeto" é a grande prioridade de nossas vidas de pós-graduandos.

São noites de insônia, dias de delírio intelectual visando um objeto que nenhum outro tenha trabalhado, que seja do agrado do professor que está nos "auxiliando", delimitá-lo,

Somente "cercar o objeto é o que importa!"

Assim vai o pós-graduando compulsivamente, até o dia em que alguém o convence de que "aquele objeto" já foi cercado por alguém e que não pode ou deve fazê-lo (*).

Os objetos de reflexão e estudo em geral, como as palavras (transformadas em categorias), têm donos?

Então recomeça outra empreitada alucinante e desenfreada. Talvez, com muita teimosia e mudando de orientação, continue persistindo no mesmo.

Com o "objeto perdido", o intelectual acadêmico em agonia desiste, perambula pelo mundo dos "comuns" ou na tentativa de resgatar sua identidade discutindo, teorizando, elocubrando, exercitando o intelecto, **exclusivamente, com seus iguais**. Já não é ninguém, perde ou tem diluída sua identidade e, geralmente, não sabe e (ou) não quer ver que está transformado num objeto de coerção. Perde sua capacidade de **ser criativo**.

A **criatividade** funciona como um chavão. Está muito em voga utilizar a "criatividade" como marco conceitual, alternativa para a falta de verbas destinadas à educação e a falência didático-pedagógica, como forma de superar os limites impostos pelo espaço físico deficiente, pela carência de recursos materiais e por tudo o que acompanha a descaracterização da escola.

Apesar da exaltação bastante atual é uma constante, em todas as práticas didático-pedagógicas, a repressão ostensiva que paira sobre o estudante verdadeiramente criativo. Suas atitudes são encaradas, no mínimo, como desobediência. Ele é considerado irreverente, rebelde e indisciplinado. Indesejável e maldito enfim!

Nos conselhos de classe, reuniões de colegiado ou conversas informais entre docentes, é estigmatizado e jamais é permitido que sua rebeldia mostre caminhos novos ou

possibilidades, talvez inéditas na busca do aprender, do saber.

Seria interessante meditar sobre as palavras do compositor Alceu Valença, " (...) é preciso respeitar a rebeldia".

A criatividade (nesse contexto, rebeldia) perde espaço para as normas metodológicas e burocráticas o que é compreensível, pois a escola é uma organização burocrática com todas as características peculiares a este tipo de organização: formalismo, racionalidade, hierarquia, disciplina, impessoalidade, coerção e profissionalismo.

A organização burocrática, regida pelo princípio de racionalidade e eficiência, leva os indivíduos a articulação dos meios, da forma mais econômica possível, para realizar determinados fins. Todavia o resultado é inverso. Por este motivo, estabelece relações formais, impessoais coordenadas hierarquicamente por administradores profissionais. No entanto, a forma como a burocracia é consolidada, e historicamente legitimada, assume um caráter ideológico, uma vez que apresenta falsa visão da realidade.

Esta forma organizacional faz com que a escola repressora (com normas a serem respeitadas) seja vista como inerente à existência dos indivíduos, ou seja, a sociedade não supõe as pessoas como cidadãos plenos, sem que tenham por ela passado.

Como resultado a educação formal deixa de ser um direito para que o indivíduo exerça plenamente sua cidadania.

Transforma-se num dever para que não seja além de ludibriado, marginalizado. Este adquire regalias tais como melhor situação funcional, ou seja salarial, no caso de ocupar cargos públicos (com exceção dos profissionais da educação, marginalizados, inclusive pela própria categoria) ou o privilégio (se é que pode ser assim denominado) de celas especiais, em casos de prisão. Mais uma vez, mecanismo de segurança da sociedade. Enquanto as crianças e jovens estão no processo de aprendizagem convencional, não estão nas ruas ou desocupadas colocando em risco os demais cidadãos.

Passados o primeiro e segundo graus, o estudante, já tendo sofrido uma série de adequações, poderá tentar o vestibular.

Caso seja aprovado, ingressa na universidade que o aceita como pessoa adulta. Porém as exigências e a impessoalidade aumentam. Normas e formalidades perduram e, sob este prisma, no curso superior pouco se modifica em relação ao elementar e médio.

Quanto mais graduado e mais "importante", o acadêmico adere a um vocabulário cheio de palavras, conceitos e chavões "eruditos". Anda carregado de livros, pastas, cadernos, transformado numa biblioteca ambulante, cheio de aparatos debaixo do braço que, via de regra, fazem-no parecer com seu mestre favorito.

Tais características, se não o fazem destacar-se ou tornar-se mais importante no meio, no mínimo, auxiliam para sentir-se como tal.

A criatividade fica relegada apenas ao discurso e o caráter propriamente "humano" das pessoas fica depreciado.

O trabalho criativo distingue o homem dos demais animais, particularmente o trabalho intelectual, o de construção do saber e da criação das coisas antes elaboradas nas suas reflexões. O trabalho é a forma pela qual o homem busca satisfazer suas necessidades.

O animal se diferencia do homem por ter necessidades limitadas, que satisfaz de forma limitada, por meios igualmente limitados, enquanto o homem, por ter necessidades ilimitadas, busca satisfazê-las através da produção objetiva do trabalho. "Hegel concebe a objetivação como criação de um mundo social objetivo e, por conseguinte, de certo modo, ao homem objetivo como resultado do próprio trabalho "(ENQUITA, 1985, p.146).

A produção do conhecimento, do saber universal, é exclusividade do homem e a escola ou academia deveria ser o local **por excelência**, com atribuições de produção, criação, socialização, transmissão e universalização deste produto da espécie humana. O depoimento abaixo foi o único que manifestou um posicionamento neste sentido.

"(...) a escola serve para transformação e conhecimento do indivíduo, como fator gerador de idéias, intercâmbios permutáveis do meio em que vive. Só através da investigação e conhecimento dos por quês e a da resposta

satisfatória é que o indivíduo se sentirá inserido na sociedade a que pertence. E para tal, a dialética é fator predominante para seu desenvolvimento".

(Professor de Artes)

(*) Minha primeira versão do "cercar o objeto" encontra-se em anexo com a denominação de Revisão Bibliográfica. Optei por não aprofundá-la devido a modificação na proposta do como direcionar o trabalho ou seja: trabalhando mais a vivência (minha, dos entrevistados e episódios conhecidos) questionando menos as teorias e (ou) utilizando categorias de outrem.

Episódio 8 - Expectativa gerada, sonho, família, futuro ...

8.1) Concluídos os créditos, o grupo que compunha a linha de investigação pela qual optara, diluiu-se e todos saíram em busca de orientadores para elaborar, desenvolver e defender suas dissertações.

Naturalmente, o objetivo maior de todo aquele que procura um mestrado é a defesa de dissertação voltada para um assunto que o instiga e elaborada com o fim de obter a titulação. É inegável que adquirir um título de mestre abre muitos caminhos a nível profissional, proporcionando melhorias no aspecto financeiro e despertando certa admiração das pessoas que têm conhecimento do que significa.

Iniciamos, então, uma busca repleta de obstáculos, por encontrar quem nos orientasse. Apenas uma das integrantes daquele grupo teve a oportunidade de permanecer sob a orientação do professor com quem trabalhamos na maior parte do curso, aprofundando um estudo teórico que o mesmo vinha desenvolvendo. Em consequência desta restrição, tornou-se bastante difícil aos demais encontrar um orientador. Estávamos encharcados de um pensamento, talvez doutrinados e então orfãos.

Passamos o tempo todo falando em relações de dominação. No último encontro, o professor afirmou que não existia este tipo de relacionamento. Portanto, não poderia existir em qualquer relação entre pessoas um dominador ou um dominado.

Talvez a dúvida que me povoou naquele momento seja a alma deste trabalho.

Metade do grupo concluiu o curso, eu estou lutando por isto e os outros abriram mão da titularidade.

Durante o cumprimento dos créditos, estive afastada da escola do município, na qual sou lotada.

Ao retornar, vivenciando o cotidiano da escola, fui tomada pela auto-crítica e me questionava constantemente o que havia ido fazer no mestrado.

Para que serve a escola?

O que é a escola?

A escolarização serve para alguma coisa?

Afinal, o que fui fazer no mestrado?

Desenvolvi o questionário em anexo no final deste documento - cujas respostas do pessoal da escola em questão ilustram - e concluí que retornei do curso com mais interrogações do que as que carregava ao ingressar.

Uma das colegas que abriu mão da defesa e do título (intelectual de raro brilho) certa ocasião convidou-me para trabalhar na atividade que vem desenvolvendo, com excelente retorno pessoal e financeiro. Expliquei que estar lisonjeada pelo convite, mas que tinha como prioridade a conclusão do mestrado. Depois de muito conversarmos ficaram no ar algumas de suas colocações: "(...) estou buscando a realização dos meus sonhos e de meus filhos. Será que toda esta angústia e sofrimento valem a pena? A gente pode adquirir cultura e conhecimento sem

sofrer tanto. Eu, não quero mais passar por isto!"

Reflexão

Dos demais colegas nada sei! Não tenho qualquer notícia. Creio que aquela relação quase familiar - mas cooperativa - que nos uniu "em torno do objeto" que nosso mestre investigava era extremamente frágil. Se não fosse estaríamos envolvidos até hoje.

Ora, passei por todas as etapas da escolaridade e da educação formal.

Cursei o Jardim de Infância, atualmente denominada Pré-escola; frequentei e concluí, sem nunca ter sido reprovada, o primário, ginásio e colegial, correspondendo hoje ao Primeiro e Segundo Graus; cursei uma faculdade, sou graduada; tenho três pós-graduações a nível de especialização; tenho no currículo muitos cursos de aperfeiçoamento; um Mestrado a concluir; ganho uma miséria, "fui tachada de incompetente pelo meu mestre favorito, emburreci" e de que me serve tudo isto?

Sou professora, uma cidadã digna. E daí?

O que dizer a respeito aos alunos, aos filhos e aos que não têm formação escolar ou a têm incompleta?

E meu irmão que é auto-didata e fala sete idiomas, vive no exterior, é culto e conhece o mundo inteiro! Será que ele está mais ou menos realizado que eu, que estudei tanto e, por vezes penso, não sei nada?

E o micro empresário bem sucedido que não

ingressou na universidade e hoje emprega seu irmão que o fez? E

um homem menos realizado que seu empregado?

E a colega de mestrado que abriu mão do título para tentar um negócio próprio e realizar seu "sonho" e dos seus filhos, porque "não vale a pena sofrer assim!"

E a ex-professora de biologia que resolveu fazer teatro porque a escola, o trabalhar nela e (ou) estudar formalmente não retribuem o desgaste sofrido?

E os ex-alunos que foram trabalhar na empreiteira do pai e não querem mais voltar à escola - mesmo tendo mãe educadora - porque com o pai ganham muito mais, inclusive a nível de prestígio na comunidade onde a mãe dirige a escola?

E milhares de tantos outros que se evadiram destas instituições por um sem número de motivos "melhores"?

E aqueles que, como nos casos relatados, foram excluídos?

De que serve a escolarização e a formação acadêmica com sua longa escala hierárquica a ser trilhada e disputa interna do poder pelo saber?

Parece-me que aqueles que se entregam à escola e à academia vivem esperando por um futuro que nunca vem e, se vem, é para poucos.

E fetiche, é mito, exige coerção, expiação e sacrifício.

Como viver com ou sem ele?

E resultado de uma inversão de valores.

Os povos primitivos não tinham consciência das suas condições de vida quer naturais ou sociais. No confronto do homem com a natureza, não eram capazes de perceber que uma boa colheita era resultado do seu próprio trabalho. Acreditavam que forças sobrenaturais eram responsáveis por toda produção e a elas faziam todo o tipo de oferendas.

Assim, na consciência dos povos primitivos eram atribuídos poderes humanos ou sobre-humanos coisas inanimadas que eram "fetichizadas", super-valorizadas (ídolos, deuses com poderes mágicos).

"Quando estudamos ou recebemos o ensinamento do professor, estamos desenvolvendo o chacra mental, adquirindo sabedoria". (Beta, 8a. série)

A escola, no contexto atual, cumpre o papel de agenciador desta relação. Sendo uma espécie de adorador de ídolo sagrado, ela se apresenta como entidade que pode mostrar o melhor caminho a ser trilhado para que o fiel caia nas suas graças. Ou seja, a aquisição de capital e, por conseguinte poder, passa pela educação escolar, "inevitavelmente".

Sendo a escola "amiga do rei", existindo por si só para que os indivíduos (independente do professor ou aluno) adquiram poder e ascensão, se torna muito difícil ignorar o seu caráter fetichista. Como demonstra a colocação que segue, muitos alunos buscam, fundamentalmente, só isto na escola.

"Meu pai só foi a escola o primeiro dia e não foi mais, porque ele jogou areia numa amiga dele e a diretora colocou ele de castigo, e ele nunca mais foi a escola, a profissão dele é pescador. Minha mãe é dona-de-casa também só foi a escola nos primeiros dias e não foi mais. Nós sobrevivemos só do o meu pai ganha, lá em casa somos 5 pessoas. Meus irmãos estudam um na 2a. série e outro na 1a. série. Estou estudando porque pretendo ser alguma coisa no futuro. Meus pais estão nos dando estudo porque estão arrependido por não terem estudado. A escola é muito importante porque todo mundo passa por ela ou seja um advogado, juiz ou qualquer coisa". (Patrícia, 14 anos, 6a série)

Uma das primeiras lições ensinadas e apreendidas na escola, é que para crescer é necessário sacrifício. Revelando-se como algo que possibilita tudo em termos de enriquecimento, principalmente, material além do intelectual, os indivíduos ali formados ou a se formarem detêm esta lição como máxima para suas vidas. Estudar deve rimar com penar.

A escola é uma criação do homem (produto de seu trabalho). Portanto, produto de seu pensamento. Sem ele não pode existir. Se existe foi criada e mantida pelos homens. No entanto, não é assim que ela aparece. Como um ídolo, fetiche, exige coisas em troca das benesses que pode proporcionar .

Aparentemente, por ter vida própria é idolatrada.

Muitas são as possibilidades de evolução que os indivíduos buscam na escola.

Vários estudos sugerem que, através do conhecimento dos conteúdos mais eruditos do saber universal, o homem pode socialmente destacar-se e, portanto, não ser subjugado.

Alguns afirmam que, se a escola oferece uma visão crítica do seu próprio papel e da sociedade, pode proporcionar a este indivíduo, **então mais crítico**, melhores possibilidades de combater a sua condição de dominado e até deixar de sê-lo. Os que propõem uma sociedade mediada por uma escola que vincula a atividade acadêmico-pedagógica ao trabalho, afirmam que: estando o indivíduo apto a aplicar o conhecimento adquirido à vida social, está pronto para o trabalho e para enfrentar a máquina. Assim sendo, tem mais condições de exercer conscientemente sua cidadania e instrumentalização para viver na sociedade do trabalho, podendo transformá-la.

Enfim, a escola aparenta SER, por si própria, algo que antecedeu aos homens em sua existência e com poderes de ídolo. É tão poderosa, na aparência, que pode lapidar, fazer homens eruditos, criativos, críticos, libertos, instrumentalizados e (ou) transformadores.

Há que ser percebido o aspecto concernente à questão da ascendência social e acesso ao capital.

Como o capital é o maior de todos os fetiches, requer uma série de rituais para ser tocado. Um dos principais rituais, talvez o de maior importância, é a escola. Socialmente,

a formação escolar é considerada o ritual que pode dar condições a qualquer pessoa para tornar-se possuidor de capital e seu aliado. "Abençoado! Digo, Capitalizado!"

A escola privada é considerada algo muito bom para a sociedade, que pode trazer grandes benefícios para muitas pessoas e digna de alguns sacrifícios para ser frequentada. Nunca se apresenta ou é encarada como uma empresa que explora beneficiando a alguns em especial: seus proprietários. Esses que têm por direito **legítimo** lucrar sempre, nunca ter prejuízo ou se sacrificar.

De fato, a escola não é sujeito. E, sim, objeto, coisa. É uma elaboração dos homens que a criaram por julgá-la necessária, como espaço de construção e apreensão de conhecimento. Em verdade, distanciaram-se da finalidade. Tornando-a fetiche, passaram a subjugar-se, escravizar-se e dela se tornaram objeto.

Alguns dos depoimentos e colocações a seguir pressupõem que a escola anteceda a tudo na sociedade e manifestam uma certa confiança na garantia da formação por ela oferecida.

"(...) ensinam a ler e escrever e com isso nos trás um futuro melhor. Sem ela seríamos analfabetos".

(Isabel R., Kelli C., Caroline, Graziela, 8a.série)

"(...) se não fosse a escola ninguém saberia falar e o que fazer". (Sander, 5a.série)

"(...) que não existice a escola, como é que a gente aprenderia a escrever a ler ..."

(Viviani, 18 anos e Lizimari, 14 anos - 7série)

"(...) serve para uma boa profissão, para ser uma pessoa inteligente".

(Cassiane, 10 anos, 4a.série)

O dinheiro aparece como algo essencial que somente pode ser adquirido através da freqüência à escola.

Conforme afirmam, não seria possível sequer comer se ela não existisse. Ignoram fatos reais básicos, como os alimentos estarem à disposição na natureza ou poderem simplesmente ser plantados, caçados e antecederem a existência do homem.

Acredita-se que o homem não poderia cuidar de sua saúde e de sua sobrevivência, caso nas universidades não fossem formados médicos, como se a medicina não fosse conhecimento construído a partir da necessidade prática dos próprios homens.

A família, tendo o respaldo desta prática educacional, segundo as expectativas de muitos, tem sua harmonia garantida. Muitos crêem que as perspectivas de sucesso desta relação, pode ser dela decorrente. Estas ilustrações demonstram-se fortemente convictas desse objetivo.

" A escola serve para mim ajudar a educar

jovens, senhores, senhoras, velhos, velhas, mas também para ajudar a dar carinho, amor, esperança a os pais, padrinhos, tios, e outros jovens e velhos de idade.(...) temos que receber o estudo, o carinho e o amor e outras coisas boas dos professores".

(André, 5a. série, 10 anos)

"(...) é o local onde é transmitido o conhecimento que os alunos precisam adquirir para o bom desempenho de sua vida familiar, social econômica, política e cultural exigidos pela sociedade de hoje".

(Orientadora Educacional)

"(...) serve para as pessoas poderem ter educação e poder manter uma família. Por exemplo: eu vou me formar em publicidade e propagandas e quando eu já for adulta vou poder sustentar uma família" .

(Hermana, 7a.série, 12 anos)

"(...) porque se não tivesse a escola ninguém poderia trabalhar"

(Vivian, 4a. série, 12anos)

"(...) a escola serve para estudar e saber tudo, para se formar medico, enfermero, dentista, marceneiro, funcionario, etc. ... se não houvesse a escola, não averia comida, porque não averia dentista para arrumar os dentes, não averia medico e os pacientes morreriam ".

(Karina, 4a.série, 11 anos)

"(...) ela serve para ter uma profissão melhor e para ter um futuro, pois muitas pessoas que não estudam estão ganhando uma miséria que mal dá para comer" .

(Janaina O. de Jesus, 6a. série, 13 anos)

" se não havia estudo nós iremos amizeria. a trabalho de banco e em dinheiro tem que aprender a soma".

(Cleiton, 4a. série, 12 anos)

"Em tudo que a gente vai trabalhar daqui a uns anos vai depender da escola(...) é importante porque ela é um meio de sobrevivência que nos temos. Se meus pais não tivessem estudado, nem roupa ou nem comida eu teria".

(Michelli, 11anos, 4a.série)

"se não fosse a escola eu não estaria aqui hoje".

(Maique, 4a.série, 11 anos)

Episódio 9 - Escola vale a pena? Versão e sub-versão

Já na fase final deste estudo, conversando a respeito com micro empresária de representações, ouvi o seguinte depoimento:

- Estudei até a quarta fase de história bacharelado, mas percebi que teria apenas satisfação intelectual e cultural. As perspectivas a nível material eram péssimas, pois o Brasil não investe em pesquisa e aprimoramento. Não ia ter futuro! Também lecionei no primeiro grau, mas a remuneração de professor não vale a pena. Resolvi partir para a publicidade e com o que aprendi e adquiri, abri uma empresa de representações com meu marido, que também desistiu da faculdade. Estou muito satisfeita. Trabalho na minha própria empresa e não me sinto nem um pouco constrangida, pois cultura se adquire de várias maneiras e bastante satisfatórias quando existem condições materiais, conforto e tranquilidade para fazê-lo. Minha irmã, tem duas graduações em engenharia, não tem uma condição financeira tão boa quanto a minha. Vive prestando concursos públicos para órgãos federais. Minha família (eu, meu marido e minha filha) é estável, vivemos bem, viajamos bastante e a formação acadêmica não faz falta no sentido cultural. Acho que se tivesse continuado, hoje não teria acesso às informações que tenho.

Reflexão

Caso o indivíduo busque aperfeiçoamento intelectual através da escola com vistas à superação, ao crescimento, predomina a tendência a fazê-lo visando especialmente a sua valorização a nível de mercado, portanto, não como homem, mas como mercadoria que possa reverter em capital.

A coisificação das relações é um processo social que se reforça através de instrumentos que passam exercer influência de verdadeiros fetiches, como a escola, onde o valor aparece aos homens com qualidade de mercadoria (em dinheiro no mercado, em notas na academia). Isto é, **objetivamente as mercadorias possuem valor por si por suas qualidades inerentes e, independentes do homem, são vistas como sujeito.**

Por exemplo, o conhecimento em informática adquirido e desenvolvido por um estudante virá beneficiar os donos da empresa onde o mesmo for desenvolver atividade profissional decorrente dos seus estudos técnicos. Seu trabalho e sua aptidão proporcionam condições de lucro para os que dela se apropriarem, assim como os alunos de uma escola propiciam o enriquecimento de seus proprietários. Quando os alunos de um estabelecimento alcançam as melhores colocações em um concurso, como o vestibular, isto reverte em benefício daquela escola. Portanto, para de alguma forma ser sujeito, deverá fazer de sua vida a sua própria escola.

"A escola é uma ponte para a vida, eu acredito que se a gente se forma teremos um futuro melhor, + talvez é melhor ser outra coisa do que ficar muito tempo estudando".

(Daniela, 15 anos, 7a. série)

"(...)é o que começa ensinando o a e vai até nos garantir ou pelo menos nos ajudar a ser algo neste mundo, pois se com os estudos já é difícil, imagine sem eles! Escola serve para no futuro termos uma profissão descente(...), e serve para as pessoas (alunos) e para todas as pessoas, pois se não tivesse a escola não existiria professores (pois quem daria aula e como ele cursaria) e várias profissões. (...) Antigamente, era mais fácil, foi por isso que meu pai não estudou minha mãe foi até a 4a. série do 1o. grau. Os meus avós achavam que não iria adiantar gastar dinheiro com uma bobagem de estudo. Eu estudo e quero ter alguns cursos. Desejo na verdade ser veterinária mais se pintar algo melhor eu entro nessa".

(Alcinéia, 14 anos, 7a. série)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que os alunos farão com aquilo que receberam na escola, segundo suas próprias colocações, é bastante questionável. Aparentemente, desejam acreditar que lhes será útil de alguma forma. Entretanto, não demonstram muita firmeza ou interesse no que concerne à própria satisfação em adquirir conhecimento universal e à construção do saber. Ignoram se isto tem importância real em suas vidas. Estão sim, a par de todas as normas e sanções a que estão sujeitos, e de todos os valores ali transmitidos e introjetados.

Quem sabe, para os que têm tempo e dinheiro valha a pena exercitar o intelecto buscando e construindo conhecimento. É lamentável que isto não se apresente como a finalidade maior da escola.

Enfim, o processo de "fetichização" a que a escola vem sendo historicamente submetida, faz com que perca sua função primordial: permitir aos homens que sejam sujeitos de sua própria história.

Reafirmando esta descaracterização lamentável dos homens, feitos seus próprios feitores, coisificados e levados pelo fetiche, alguns alunos garantem:

- "A escola é tudo sem ela não somos nada".

(Franklin, 11 anos - 4a. série)

"ninguém é ninguém com a escola".

(Claudinei, 4a. série, 13 anos)

Se educação é enquadramento, disciplina e coerção, nos moldes aqui apresentados a instituição vem cumprindo seus objetivos.

Confesso que observando sob este prisma, ao desenvolver o presente estudo, algumas vezes desejei frustrar definitivamente quaisquer expectativas relacionadas à formação acadêmica e(ou) sugerir o seu fim.

Percebo, agora, que meu desejo íntimo é que as expectativas ali geradas resultem em realizações. Que sejam, sim, frutos colhidos da consequência de uma boa sementeira. Enfim, que haja relações não coisificadas e, sim, humanas. De pessoas para pessoas.

A escola e(ou) a academia são ao mesmo tempo o "elixir da longa vida" e "fonte da eterna juventude", tão almejados pelo homem. Ali o ser humano renova-se ~~há~~ todo o momento e o aparecimento do "novo" não está limitado ao ato de sonhar.

Somente ao homem é permitido tornar concretas e palpáveis as abstrações. Por outro lado, a capacidade de abstração de todas as coisas que conhece e desconhece é, também, exclusividade sua.

Isto é **ser humano!**

Tendo abstraído, criado, tornado concreta e

escolhendo a escola como espaço ideal para tais manifestações, deveria ali viabilizar relações cada vez mais evoluídas para sua espécie e sociedade: relações de produzir, criar, objetivar-se, transcender.

Mesmo incomuns, existem práticas acadêmico-pedagógicas maravilhosas, criativas e eficientes que permitem produção intelectual prazerosa. Assim torna-se possível transcender e criar sem sacrifício.

Ser homem é superar-se, criando condições objetivas cada vez mais agradáveis e facilitadoras.

A coerção imposta e introjetada em relações impessoais é digna, apenas, de resistência e de descaso.

Espero, com este trabalho, poder alertar aqueles que vierem a viver, em sua existência acadêmica, conflitos como os aqui relatados e instigá-los a reagir.

A partir do relato de episódios "tão corriqueiros", creio que seja necessária uma reflexão seguida de uma atitude corajosa e radical para que, coletivamente, sejam desenvolvidas relações que questionem e subvertam o modelo tradicional estanque d-e f-o-r-m-a-ç-ã-o escolar.

Estudos como o aqui apresentado exigem grande aprofundamento nas suas conclusões. Todavia, não creio que exista conclusão para este desafio. No momento restrinjo-me e dou-me a permissão de prosseguir tal exercício na minha existência e prática profissional. Convido o leitor a fazer o mesmo.

Quem sabe, assim, eu consiga chamar a atenção de outros amantes do saber historicamente construído por homens

(também no âmbito escolar e acadêmico), para que nesse espaço ocorra o resgate "de um tesouro ali perdido"; a autoria, e do reconhecimento público aos profissionais da educação.

E necessário devolver às coisas sua condição de objetos e resgatar aos homens sua necessidade mais radical de sujeitos, AUTORES DA SUA PROPRIA EXISTENCIA.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

1. ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado.** Lisboa, Presença, s/d
2. ARROYO, Miguel. **Da escola carente à escola possível.** São Paulo, Loyola, 1986. (Coleção Educação Popular).
3. _____. **Educação e exclusão da cidadania.** In BUFFA, Ester et alli. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?** São Paulo, Cortez/ Ed. Autores Associados, 1987 (Coleção Polêmicas do Nosso tempo).
4. _____. **O direito do Trabalhador à educação.** In GOMES, Carlos M. et alli. **Trabalho e Conhecimento: dilemas na educação do trabalhador,** São Paulo, Cortez / Autores Associados, 1987.
5. BOBBIO, Norberto. **Estado, Governo, Sociedade.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
6. BOURDIEU, Pierre et PASSERON, Jean Claude. **A reprodução.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
7. CASTORIADIS, Cornelius. **Socialismo ou Barbárie.** São Paulo, Brasiliense, 1983.
8. ECCO, Umberto. **Como se faz uma tese.** São Paulo, Perspectiva, 1988.
9. ENGUITA, Mariano F. **Trabajo, Escuela e Ideologia.** Madrid, Akal, 1985.

10. ENGELS, Friederich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.** Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1984.
11. ETGES, Norberto Jacob. **A escola pública e a reprodução do arcáico.** UFSC, S.C., 1989. (Mimeo)
12. FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação ou disciplina.** Florianópolis, UFSC, S.C., 1990. (Mimeo).
13. FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
14. _____. **Pedagogia do oprimido.** 18 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
15. _____. **Educação e mudança.** 13 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
16. FREI BETTO. **Essa escola chamada vida.** 6 ed., São Paulo, Atica, 1988.
17. FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Aula inaugural do College de France, Trad. Sirio Possenti, 1970.
18. _____. **Microfísica do poder.** 6 ed. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
19. _____. **Vigiar e punir; História da violência nas prisões ;Surveiller et punir.** Trad. Lígia M. Ponde Vassalo, Vozes, Petrópolis, 1977.
20. FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade.** São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.
21. HELLER, Agnes. **Para Mudar a Vida.** São Paulo, Brasiliense, 1984.

22. _____. **A Filosofia Radical**. São Paulo, Brasiliense, 1983.
23. _____. **Teoria de las Necessidades en Marx**. Barcelona. Península, 1986.
24. HOBBSBAM, Eric J. **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
25. JARCZYK, Gwendoline. **O Conceito do Trabalho e o Trabalho do Conceito em Hegel**. In **Filosofia Política**. Porto Alegre, L & PM, 1984.
26. MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Livro I, Vol. I e II, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988.
27. _____ e ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. SP, Hucitec, 1986.
28. _____. **Manuscrtos Econômicos e Filosóficos**. In FROMM, E. **Conceito Marxista do Homem**, Rio de Janeiro, Zahar.
29. _____. **A Questão Judaica**. São Paulo, Moraes.
30. PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
31. _____. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
32. THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe Trabalhadora Inglesa**. Trad. Renato Busatto Neto, Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Coleção Oficinas da História, v.5).

ANEXO 1

Questionário utilizado para coleta de informações

Gostaria de poder contar com seu auxílio no sentido de tornar viável a elaboração de meu trabalho de dissertação, fornecendo os dados abaixo solicitados e emitindo sua opinião sobre as questões que seguem:

O que é a escola?

Para que ou quem ela serve?

Como? (caso a resposta seja afirmativa)

Por quê? (justifique, se for negativa)

No caso de não haver possibilidade de responder pelo próprio punho, isto é, não encontrar condições de escrever, peço que recorra a algum familiar ou amigo, para que ele escreva aquilo que você colocaria no papel. E da maior importância que você dê a **sua** opinião, não a de outra pessoa. Não é necessária a identificação.

ANEXO 2

REVISÃO BIBLIOGRAFICA

O aprofundamento do estudo do objeto em questão, ou seja, o fetiche da escola, se justifica pela necessidade de superação da ambiguidade existente em torno do papel da mesma na construção dos indivíduos e das relações na sociedade.

Na medida em que o educador consciente e comprometido busca aperfeiçoamento teórico visando a melhoria de sua prática pedagógica e um entendimento maior do papel da Escola na sociedade atual, esbarra com uma série de contradições e sente necessidade de esclarecê-las.

As teorias propostas em torno das práticas pedagógicas escolares são divergentes contraditórias e, constantemente, se modificam como que buscando paleativos ou soluções para os questionamentos relativos ao papel da escola. Os estudos referentes a esta questão são, de forma geral, bastante controvertidos.

Alguns autores, particularmente nacionais, sugerem a escola como meio de transformação da sociedade a realizar-se através da instrumentalização dos indivíduos para um exercício pleno de sua cidadania e melhor capacitação para o trabalho. Estas tendências apontam o papel político da Escola no modo de produção e na sociedade atual, ou seja: com condições para superar as diferenças existentes na sociedade de classes. Por outro lado, aqueles que propõe a Educação Libertadora vislumbram a libertação dos indivíduos da relação dominado x dominador graças ao trabalho pedagógico realizado, inclusive, no âmbito escolar.

Não desejamos aqui desmerecer nenhuma das propostas pedagógicas acima e sim, apenas apontar as tendências que sugerem uma possibilidade de melhoria social através do estudo na escola.

Outros estudiosos do assunto, pelo contrário, classificam a escola entre um dos instrumentos de reprodução do modo de produção capitalista (MPC) e de inculcação de **habitus** cumprindo assim a função de Aparelho Ideológico de Estado (AIE), isto é: instrumento do qual o Estado se utiliza para estabelecer e instituir a relação de dominação e poder existente entre Estado e cidadão, dominação esta presente e legitimada em **todas as relações hierárquicas** vigentes na sociedade, inclusive na família e escola. Aparecendo a escola como o instrumento número um, pois por ela passam, **obrigatoriamente**, crianças de todas as classes.

Um aspecto apontado por outra tendência é o que concerne ao caráter alienado da produção acadêmica, já que o trabalho .paescolar se realiza de forma análoga ao da empresa capitalista, reificando as relações e adquirindo características de fetiche.

Há que se observar, também, o caráter burocrático que a escola introjetar e o de instrumento legítimo de coerção, que enquadra e disciplina para o exercício da cidadania conforme os moldes e normas disciplinares institucionalizados.

A escola, reprodutora das relações sociais existentes pode ser classificada como instrumento de inculcação ideológica, apresenta condições para a transformação de cada um (individualmente) e, realmente, instrumentaliza para o trabalho mas, não modifica as relações de produção alienada ou pode libertar de uma sociedade onde a hierarquia, a burocracia e o enquadramento nas normas institucionalizadas, estão de tal forma introjetados, que se apresentam como se fossem inerentes ao fato de ser e existir em sociedade.

A escola não pode libertar os homens, pois todas as relações sociais e de sobrevivência postas historicamente fazem com que todos os homens estejam presos, atrelados. Apenas os homens podem libertar-se.

O que pretendemos, a partir do até aqui exposto, é justificar o aprofundamento dos estudos a respeito do

papel desta escola que aliena os indivíduos desde a infância em favor de um modo de produção no qual os homens são expropriados constantemente, inclusive, de si próprios. É nosso desejo, também demonstrar como ocorre esta alienação e que a atribuição, de poderes de transformação e libertação à educação na escola é uma forma reificação das relações existentes entre os indivíduos que ali se encontram, resultando em mais um fetiche criado pelos próprios homens, atribuindo poderes a coisas (no caso instituições), como se elas tivessem existido sempre, antecedendo a vontade dos homens e sido necessárias para sua vida e transcendência.

Almejamos explicitar tal anseio através da abordagem que segue e objetivos a serem alcançados partindo destes questionamentos.

Para a realização deste trabalho, foram utilizadas as seguintes estratégias:

- entrevistas com os vários seguimentos da escola, isto é, funcionários da manutenção, orientação, supervisão, direção, professores, alunos de pré-escola a quarto grau;
- entrevistas junto a ex-profissionais da educação e leigos;
- pesquisas bibliográficas;
- frequência, em especial, das disciplinas optativas do Mestrado em Educação na UFSC;

- diálogo com o concreto no dia-a-dia da escola;
- domínio do objeto de investigação;
- produção do conhecimento.
- objetivação do produto do conhecimento.